

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE  
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – FUNDAJ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E  
IDENTIDADES

CÉLIO RODRIGUES DE LIMA PONTES

**COLETIVOS CULTURAIS NO RECIFE: uma cartografia da amizade**

RECIFE

2018

CÉLIO RODRIGUES DE LIMA PONTES

**COLETIVOS CULTURAIS NO RECIFE: uma cartografia da amizade**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco FUNDAJ. Linha de Pesquisa 2: Desenvolvimento e Processos Educacionais e Culturais da infância e da Juventude, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Antunes Tavares

RECIFE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

P814c Pontes, Célio Rodrigues de Lima  
Coletivos culturais no Recife: uma cartografia da amizade /  
Célio Rodrigues de Lima Pontes. - 2018.  
85 f.: il.

Orientador: Mauricio Antunes Tavares.  
Coorientadora: Joana D'Arc de Sousa Lima  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de  
Pernambuco / Fundação Joaquim Nabuco, Programa de  
Pós-Graduação Associado em Educação, Culturas e Identidades,  
Recife, BR-PE, 2018.  
Inclui referências e apêndice(s).

1. Interesses coletivos – Recife (PE) 2. Cultura 3. Amizade –  
Recife  
(PE) 4. Contestação (Processo civil) 5. Cartografia – Recife (PE)  
I. Tavares, Mauricio Antunes, orient. II. Lima, Joana D'Arc de  
Sousa,  
coorient. III. Título

CDD 370

CÉLIO RODRIGUES DE LIMA PONTES

**COLETIVOS CULTURAIS NO RECIFE: uma cartografia da amizade**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco FUNDAJ. Linha de Pesquisa 2: Desenvolvimento e Processos Educacionais e Culturais da infância e da Juventude, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Educação.

Data da aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Profº Dr. Maurício Antunes Tavares

Orientador UFRPE/PPGECI

---

Profª Drª. Joana D'Arc de Sousa Lima

Co-orientadora UNILAB

---

Profº Drª. Flávia Mendes de Andrade e Peres

Titular interna UFRPE/PPGECI

---

Profº Dr. Rui Gomes de Mattos Mesquita

Titular exteno UFPE/CE

Dedico este trabalho à minha família por todo o incentivo e ajuda para a concretização desta etapa de formação e conhecimento, em especial aos meus preciosos filhos Matheus, Miguel e Ravi, que me fortalecem e dão mais sentido à minha existência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, inicialmente, ao Universo que me concedeu energia, paz, sabedoria e força para a conclusão deste trabalho.

Agradeço à minha família, meus queridos irmãos, meus pais, em especial à minha mãe Mariá Rodrigues, pelo apoio incondicional.

A esta conceituada Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco, seu corpo docente e coordenação pelos momentos de trocas e aprendizados, sempre eivados por expressiva confiança no mérito e ética aqui presentes.

Ao meu orientador Professor Maurício Antunes Tavares, pela paciência, confiança, precioso suporte, correções e incentivos.

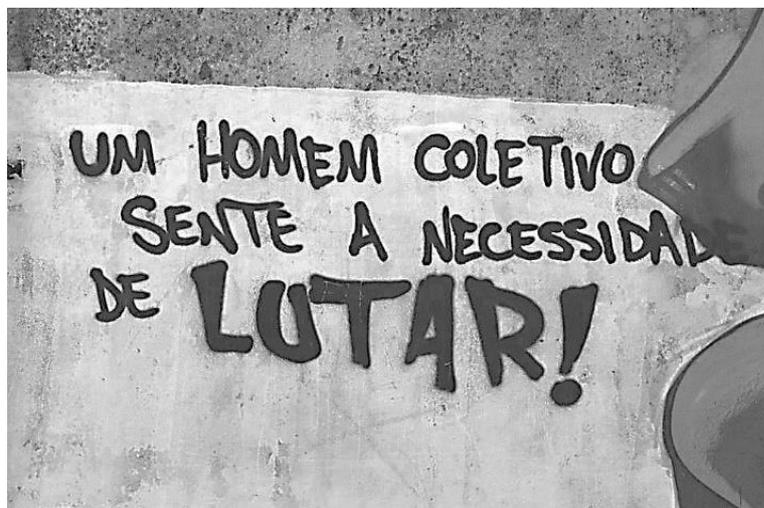
Aos professores Amigos Flávia Peres, Rui Mesquita e Joana D'Arc Lima.

Aos coletivos culturais do Recife presentes na presente pesquisa, em especial aos organizadores da Performance Desconforto, ao movimento Ocupe Candido Duarte, à Virada Cultural Teatro do Parque, ao Coletivo Resta 1 de Teatro e ao Coletivo Ato Artístico.

Aos imprescindíveis amigos de jornadas: Paulo de Pontes, Alexandre Sampaio, Quiercles Santana e Luís Felipe Botelho.

E a todos e todas que direta ou indiretamente fizeram parte da minha trajetória pelo conhecimento, a minha eterna gratidão.

**Foto 1** - Grafitegr Movimento Coque (R)existe.



Fotografia: Alexandre Maia. Recife, 2010.

## RESUMO

A presente dissertação caracteriza-se como um estudo exploratório sobre coletivos culturais no Recife, neste início de século vinte e um. Tem por objetivo compreender os modos de atuação presentes no ativismo coletivo cultural, especialmente na formulação de narrativas estéticas, como campos de atuação que contribuem para o desenvolvimento de processos socioeducativos baseados no trabalho colaborativo e no ativismo cultural como modos de intervenção nas políticas públicas e nas práticas cidadãs. Nesse sentido, são novas práticas coletivas que ativam, questionam e demandam políticas públicas nos mais diversos campos da vida nos grandes centros, tais como urbanismo, cultura, educação e mercado de trabalho, cujo principal dispositivo de articulação desse modo de atuar é a amizade, aqui tomada em sua dimensão biopolítica. Ainda que seja necessário fazer uma breve análise sobre as formas de organização e participação social desses coletivos, no âmbito deste mestrado, nosso caminho se pauta pelas relações entre as narrativas que desenvolvem uma percepção imersiva e sensorial de potenciais transformações, ora em curso, impactando e ressignificando novos territórios de pertencimentos e afetos. Portanto, a jornada teórico metodológica propõe a reflexão sobre Cultura, sem a pretensão de esgotamento temático, mas, sobretudo, visando estruturar o diálogo conceitual entre processos coletivos, reterritorialização, amizade e contestação. A partir de uma imersão, na forma de crônicas deambulatórias, foi possível revelar num universo de setenta coletivos pesquisados, um mapeamento de experiências e ocupações artísticas visando compor o início de uma cartografia cultural contemporânea da cidade do Recife, possibilitando a construção de outros olhares no campo da pesquisa acadêmica.

Palavras chave: Coletivos. Cultura. Amizade. Contestação.

## **ABSTRACT**

This dissertation is characterized as an exploratory study on cultural collectives in Recife, at the beginning of the twenty-first century. It aims to understand the present modes of action in collective cultural activism, especially in the formulation of aesthetic narratives, as fields of action that contribute to the development of socio-educational processes based on collaborative work and cultural activism as modes of intervention in public policies and practices. In this sense, they are new collective practices that activate, question and demand public policies in the most diverse fields of life in the great centers, such as urbanism, culture, education and labor market, whose main articulation of this way of acting is friendship, here taken in its biopolitical dimension. Although it is necessary to make a brief analysis about the forms of organization and social participation of these collectives, within this master's degree, our path is guided by the relations between the narratives that develop an immersive and sensorial perception of potential transformations, now underway, impacting and meaning new territories of belongings and affections. Therefore, the theoretical methodological journey proposes the reflection on Culture, without the pretension of thematic egotism, but, above all, aiming to structure the conceptual dialogue between collective processes, reterritorialization, friendship and contestation. From an immersion, in the form of ambulatory chronicles, it was possible to reveal in a universe of seventy collectives, a mapping of experiences and artistic occupations aiming to compose the beginning of a contemporary cultural cartography of the city of Recife, making possible the construction of other glances in the field of academic research.

**Keywords:** Collective. Culture. Friendship. Contestation.

## LISTA DE IMAGENS

### Fotografias

Foto 1 - Grafiteagem Movimento Coque (R)existe.....	7
Foto 2 - Performance "Desconforto".....	30
Foto 3 - Virada Cultural Teatro do Parque.....	31
Foto 4 - Ocupação cultural da Escola Cândido Duarte.....	31
Foto 5 - Movimento Ocupe Estelita.....	49
Foto 6 - Marcha das Vadias.....	51
Foto 7 - Formação do Coletivo Ato Artístico.....	60
Foto 8 – Movimento Ocupe Estelita.....	75
Foto 9 - Coletivo 33 Crew.....	75
Foto 10 - Casa da Rua.....	76
Foto 11 - Coletivo de Jovens Educadores.....	76
Foto 12 - Flores Crew.....	77
Foto 13 - Coletivo Lugar Comum.....	77
Foto 14 - Coletivo Resta 1 de Teatro.....	78
Foto 15 - Coletivo Sexto Andar.....	78
Foto 16 - Coletivo Deixa Ela em Paz.....	79
Foto 17 - Mariposa Cartonera.....	79
Foto 18 - Galeria Mau Mau.....	80
Foto 19 - Poder Feminino Crew.....	80
Foto 20 - Teatro em Casa.....	81
Foto 21 - Praias do Capibaribe.....	81
Foto 22 - Revo Cultura.....	82
Foto 23 - Movimento Coque (R)existe.....	82

### Gráficos

Gráfico 1 - Coletivos Culturais no Recife 2000-2018.....	44
Gráfico 2 - Formas de Atuação no Recife. Recife, 2018.....	45
Gráfico 3 - Linguagens Estéticas Coletivos Culturais no Recife. Recife, 2018.....	46
Gráfico 4 - Distribuição Territorial Coletivos Culturais. Recife, 2018.....	47
Gráfico 5 - Seguidores Coletivos Culturais no Recife. Recife, 2018.....	50

## **Ilustrações**

Ilustração 1 - Graphic Novel "O Edifício" .....	21
Ilustração 2 – Divulgação da Performance "Desconforto" .....	23
Ilustração 3 - Programação Cultural Ocupa Cândido Duarte .....	26
Ilustração 4 - Teaser divulgação do espetáculo “Alguém Pra Fugir Comigo” .....	42
Ilustração 5 - Convocatória Coletivo Ato Artístico.....	55
Ilustração 6 - O Louco .....	71

## **Mapas**

Mapa 1 - Perambulação performance “Desconforto”.....	19
Mapa 2 - Perambulação Reunião Virada Cultural.....	20
Mapa 3 - Perambulação Ocupação Escola Professor Cândido Duarte. ....	22
Mapa 4 -Perambulação “Alguém pra Fugir Comigo” .....	40
Mapa 5 - Dispersão de Coletivos Culturais no Recife.....	48
Mapa 6 -Perambulação “Ato Artístico”.....	52
Mapa Mental 1 - Abordagem Geral da Pesquisa.....	17
Mapa Mental 2 - Novas Formas de Atuação e Organização da Cultura. ....	32
Mapa Mental 3 - Coletivos Culturais. ....	43

## SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT .....	9
LISTA DE IMAGENS .....	10
INTRODUÇÃO.....	13
1. NOVAS FORMAS DE ATUAÇÃO E ORGANIZAÇÃO COLETIVA DA CULTURA..	19
2. COLETIVOS CULTURAIS.....	40
3. AMIZADE E CONTESTAÇÃO .....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	67
ANEXOS .....	75
Pesquisa Iconográfica.....	75

## INTRODUÇÃO

O grupo 33 Crew, coletivo que reúne tatuadores, grafiteiros, designers e ativistas recifenses, publicou uma nota no Facebook criticando a escolha de Flávio Barra para decorar o Galo da Madrugada. Recife, 16/02/2017. Jornal do Comércio.

O Recife é reconhecido como campo fértil para a atuação de grêmios, associações, grupos e coletivos artísticos e culturais. Tal característica está presente desde o efusivo movimento de teatro amador da década de setenta, até as sociedades dramáticas no início do século dezenove. Tais fenômenos de organização social assumem, ao longo dos tempos, diversos contornos de discursos e linguagens, seja nas artes cênicas, na literatura, audiovisual, entre outras manifestações artísticas e culturais. Nas artes visuais, iniciativas como o Ateliê Coletivo na década de cinquenta, que nasceu de um movimento da Sociedade de Arte Moderna do Recife, arremontava artistas com o objetivo de “valorizar a arte e revigorar o caráter brasileiro da nossa criação artística” (Itaú Cultural, 2017), segundo afirmação do artista Abelardo da Hora, um dos idealizadores do movimento. Destacam-se ainda outras experiências coletivas nos períodos seguintes, como a Brigada Portinari na década de 80, ou pela efusão contestatória de coletivos de artistas visuais na década de noventa, como as intervenções do Grupo Carga e Descarga.

Com a chegada do século vinte e um, tomam vulto ondas de ativismo no Brasil. O coletivismo no início dos anos dois mil, sintonizados com os movimentos antiglobalização, se multiplica com uma geração dedicada a ressignificar a politização pela arte. Nesse contexto, é necessário repensar o espaço público e voltar-se para ações de encontros e pertencimentos. Há também a necessidade de se reivindicar modos de vida mais sustentáveis, visando a perenidade dos recursos naturais, num desejado equilíbrio onde vida, arte, corpo, mente e ambiente pautam plataformas de questionamento do um modelo de sociedade carcomido, que já não responde aos desafios contemporâneos e que compromete o bem estar de gerações futuras.

Atualmente, já é possível identificar que a organização dos coletivos se dá, em geral, de forma não linear ou institucionalizada, sem um comando central e com instâncias de decisão mais horizontalizadas, como uma forma de autogestão e possibilitando a participação ativa dos sujeitos. Os elos de afeto e amizade sinalizam a construção de um ideário que

retroalimenta e fortalece as relações de alteridade e construção de uma ambiência voltada à contestação do modelo de vida capitalista.

Nesse contexto, valores transitórios, fugidios e efêmeros tendem a caracterizar a sociedade pós-industrial, pois definem um complexo universo de ressignificações culturais. Os pressupostos de uma pós-modernidade fragmentada, como aponta Néstor García Canclini (CANCLINI, 20015) ao se referir, por exemplo, a uma reestruturação cultural da vida cotidiana a partir de uma abundância inesgotável de informações e entretenimento, revelam mudanças significativas no comportamento social, especialmente percebidas nos últimos trinta anos, mostrando que a dinâmica cultural dialoga, não apenas com a universalidade acumulada do conhecimento, mas também, na apropriação de novos paradigmas que parecem definir este início de século vinte e um, como práticas culturais fragmentadas, pouco sistemáticas e casuais.

São mudanças percebidas no enclausuramento das relações virtuais a partir das novas tecnologias de fruição e relacionamentos, pois como afirma o sociólogo João Teixeira Lopes, “[...] a nossa matriz civilizacional encaminha-se cada vez mais para espaços fantasmagóricos, desligados da relação de copresença e fortemente orientados para uma comunicação a distância ou para a recepção mais ou menos passiva face a um longínquo emissor.” (LOPES, 1997). Percebe-se que profundas mudanças e acesso exponencial à informação ditam novos perfis de acesso, cada vez mais demandantes de ambientes virtualizados e com expressivo apelo visual. Paradoxalmente, a despeito do aparente isolamento que a tecnologia pode proporcionar, o individualismo, tão característico do modo de produção capitalista, apresenta sinais de crescente declínio frente a novas formas de pulsão social. Nessa nova ambiência, já percebida na década de oitenta do século vinte, o pesquisador do cotidiano Michel Maffesoli afirma que “As balizas agora colocadas permitem rumar com firmeza, na direção da cultura, que deve ser entendida no sentido forte do termo, e que está prevalecendo sobre o processo econômico político” (MAFFESOLI, 1987).

A crescente percepção de fatores culturais inseridos nos processos de educação tem revelado, especialmente neste início de século, a necessidade de uma reconfiguração paradigmática nas estruturas que têm definido todo o sistema de educação a partir de sua origem cartesiana. Pois a racionalidade que ainda prevalece do pensamento lógico, a serviço de um modelo de produção tecnicista, ainda tem seus efeitos perversos consolidados na educação formal institucionalizada.

Desde o final do século dezenove, tentativas de experiências pedagógicas sensíveis a uma formação humana mais holística vem contribuindo para mudanças de pensamento no campo educacional. De outro modo, há que se considerar o caminho a percorrer entre as intensas transformações sociais que definem o final do século vinte, e o papel da cultura diante das contradições da contemporaneidade. Cada vez mais processos de formação cultural em ambientes não institucionalizados de educação, vem se consolidando a partir de recorrentes experiências de ajuntamentos coletivos, como forma de organização não linear do tecido social. Espontaneamente, tais dinâmicas de pertencimento refletem características de comunidades emocionais, numa espécie de aura estética, como defende Michel Maffesoli quando afirma que “É possível que se assista agora, à elaboração de uma aura estética, onde se encontrarão, em proporções diversas, os elementos que remetem à pulsão comunitária, à propensão mística ou à perspectiva ecológica.” (MAFFESOLI, 1987).

O autor aponta ainda para uma saturação do individualismo, na qual é possível perceber a eclosão de um novo paradigma estético, qual seja o vivenciar ou o sentir em comum. Bela ênfase no que une, e não no que separa, pois tal emergência de sentimento coletivo, favorecido por múltiplas relações de simpatia entre o eu e o outro, vêm contribuindo com a configuração do que Maffesoli chama de “neotribalismo”. São características definidas pelo estilhaçamento identitário em um sujeito coletivo, cujos contornos revelam-se ainda indefinidos. Sabe-se que a educação formal já não dá mais conta diante dos múltiplos aspectos culturais que caracterizam os grupos sociais. Esses e outros aspectos que relacionam culturas, educações e coletividades configuram um dos principais interesses de abordagem da presente pesquisa. Nessa perspectiva, a metáfora do processo de acumulação de capital cultural definido por Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1979) chama a atenção para um modelo de escola aparentemente democrática, pois percebe que o ensino aprendizagem não oferece as mesmas condições para todos numa sociedade de classes.

O universo dos coletivos apresenta-se como espaços potentes de representações simbólicas que o campo cultural pode proporcionar. Numa perspectiva de formação crítica, tais coletivos são o lócus privilegiado de ativistas que expressam, por um lado, linguagens em narrativas afetivas e artísticas e, de outro modo, manifestam-se politicamente como forma de protesto e exercício de alteridade, tolerância e diversidade. São fortemente sedimentados nos princípios de amizade como fenômeno social, que contribui para os processos de aproximações gregárias, numa dimensão coletiva que resiste à normalização, como afirma Francisco Ortega (ORTEGA, 1999), autor que aborda a questão da amizade como objeto de

investigação filosófica e política, ao defender uma perspectiva “ético transgressiva” da amizade como forma refratária às imposições de relacionamento e subjetividades. A amizade como modo de vida partilhado reforça a correlação entre política e contestação de modelos existentes, possibilitando o surgimento de uma ética que transborda os limites individuais em novas formas de organização social. Nessa perspectiva, buscam-se compreender alguns modos de atuação presentes no ativismo coletivo contemporâneo a partir de relações de empatias que possibilitem visualizar uma cartografia de relações, especialmente na consecução de narrativas estéticas, campos de atuação que parecem pautar o conhecimento neste século vinte e um. É nesse sentido que o presente projeto se orienta: para o estudo exploratório de uma cartografia afetiva, que se manifesta nas ações políticas de coletivos culturais no Recife a partir dos anos dois mil.

Vale ressaltar que a pesquisa em questão deve buscar compreender os ingredientes principais que atuam na forma como os sujeitos se organizam e ativam processos espontâneos de educação não institucionalizados, a partir de ativos culturais. A alquimia proposta pela pesquisa, em sintonia com uma visão participativa de sociedade, deve possibilitar releituras e futuros desdobramentos analíticos, contribuindo criticamente com a cadeia criativa da educação e da cultura.

Inicialmente, na primeira parte da pesquisa, será possível discorrer sobre novas formas de organização da cultura a partir de ações de alguns coletivos culturais pesquisados. Na segunda parte evidencia-se os resultados obtidos na identificação dos diversos coletivos culturais levantados. Por fim, será possível refletir sobre amizade e contestação de forma mais transversalizada.

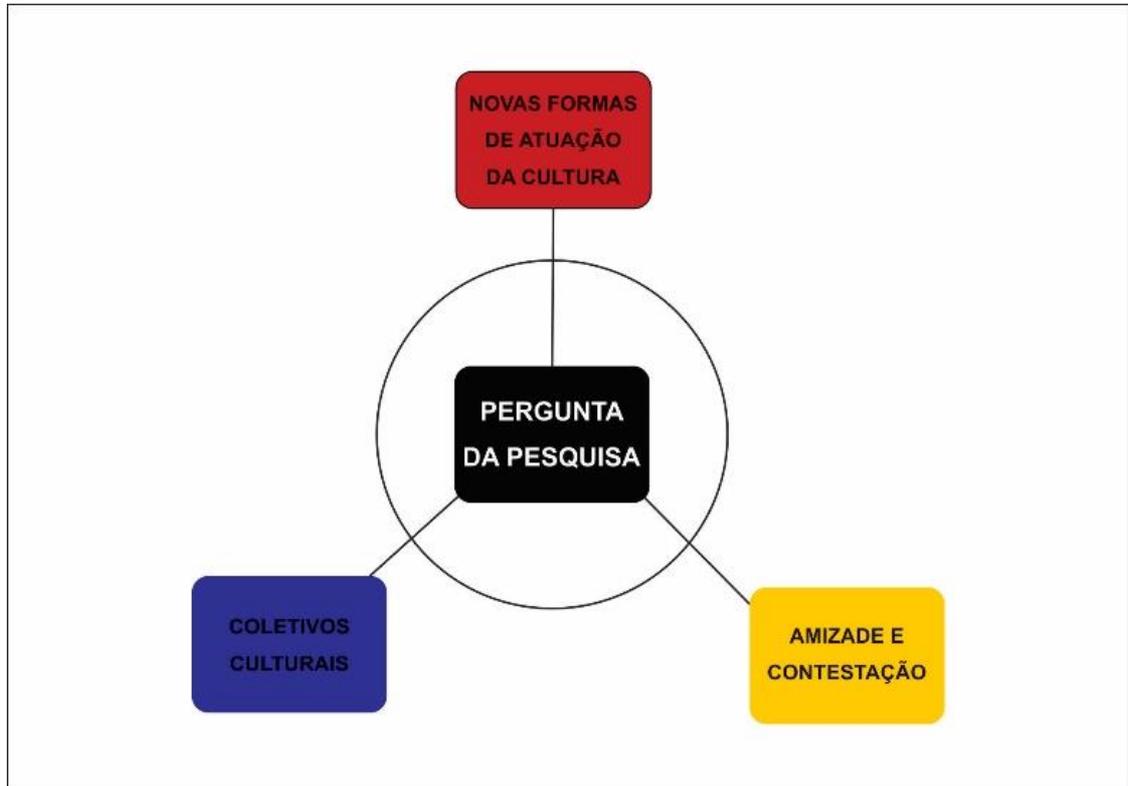
Sendo assim pretendemos entender: como os coletivos culturais atuam, redefinem espaços e expressam narrativas estéticas que anunciam novas visões de mundo e modos de vida, contribuindo para processos não institucionalizados de educação?

A narrativa proposta para a presente pesquisa visa compreender dinâmicas de alguns coletivos culturais do Recife na atualidade. Percebê-los como fenômeno social difuso, que se caracteriza por novos arranjos culturais a partir de ajuntamentos não regulares, relativamente recentes, ainda em curso, e com escassa produção acadêmica.

Nesse sentido propomos um percurso metodológico para além da exploração dos termos estruturantes de uma pesquisa qualitativa mais ortodoxa, conforme define Minayo

(MINAYO, 2012) como sendo “experiência, vivência, senso comum e ação” com vistas a uma abordagem analítica que pretende “compreender, interpretar e dialetizar”.

**Mapa Mental 1 - Abordagem Geral da Pesquisa**



Fonte: Formatação do autor.

Nessa perspectiva, foi possível investigar também, outra abordagem que permite compreender o objeto de pesquisa nos seus múltiplos aspectos. Especialmente quanto aos estímulos imersivos, sensoriais e silenciosos, ou mesmo no campo do “não dito”, objetivamente. Sendo assim, temos como ponto de partida e “inspirados” no método de observação desenvolvido pelo sociólogo José Machado Pais, intitulado “Deambulações Cotidianas” (PAIS, 2015) que, segundo o autor, a vantagem do método, é a de ver a sociedade ao nível dos indivíduos vendo, que anunciam a conjugação de um olhar distraído com um olhar contraído.

Para tanto, foram registradas algumas percepções num caderno intitulado Perambulações Coletivas, a partir de atividades promovidas por alguns coletivos culturais na cidade do Recife, no período de 10/11/2016 a 31/07/2018, como será possível discorrer-las de forma não linear, durante toda a dissertação.

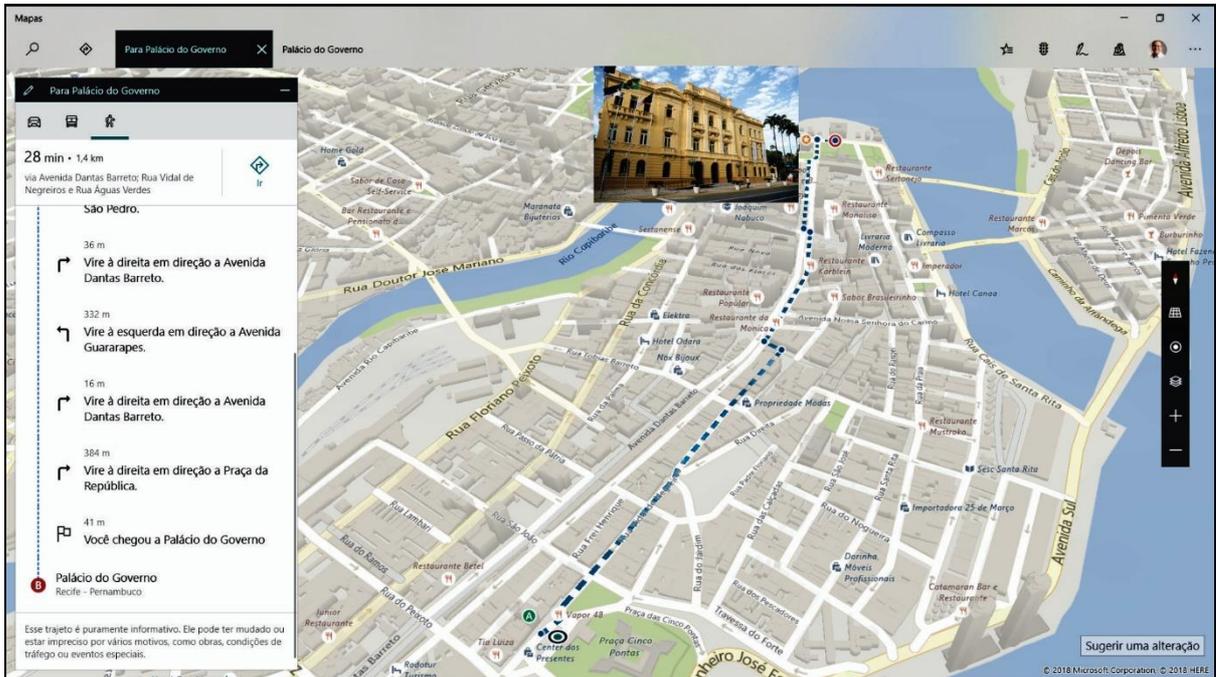
Tal procedimento metodológico doravante intitulado como “Perambulação Etnosociológica”, deve permitir a consecução de uma trajetória rica em signos, símbolos e possibilidades de narrativas estéticas não lineares. Possibilitando, dessa forma, dar relevo conceitual a uma cartografia afetiva, inerente aos fenômenos socioculturais dos coletivos em foco, com mais fluidez e organicidade sintática. Para tanto, buscou-se, inicialmente, uma imersão a partir da observação não homogeneizante, como conversas soltas, rabiscos, e registros iconográficos que permitiram revelar nuances e ambiências cotidianas distraídas, mas com valorosas contribuições para um olhar reflexivo dos temas evocados na presente pesquisa.

Portanto, optamos por aprofundar uma observação “invisível”, com vistas a exploração de territórios simbólicos não objetivos, para além dos instrumentais prescritos em pesquisas qualitativas, mas antes, percorrendo subjetividades do que não é revelado intencionalmente. Nessa linha, concordamos com a definição do sociólogo José Machado Pais, quando define que “o etnógrafo urbano é um participante natural da realidade, ao permanecer oculto ante os olhos de quem observa. É um transeunte que se confunde com os demais” (PAIS, 2015).

# 1. NOVAS FORMAS DE ATUAÇÃO E ORGANIZAÇÃO COLETIVA DA CULTURA

## INÍCIO DA JORNADA – BORBOLETAS NO CAMINHO

**Mapa 1** - Perambulação “Performance Desconforto”. Praça da República. Recife, 19/04/2017.



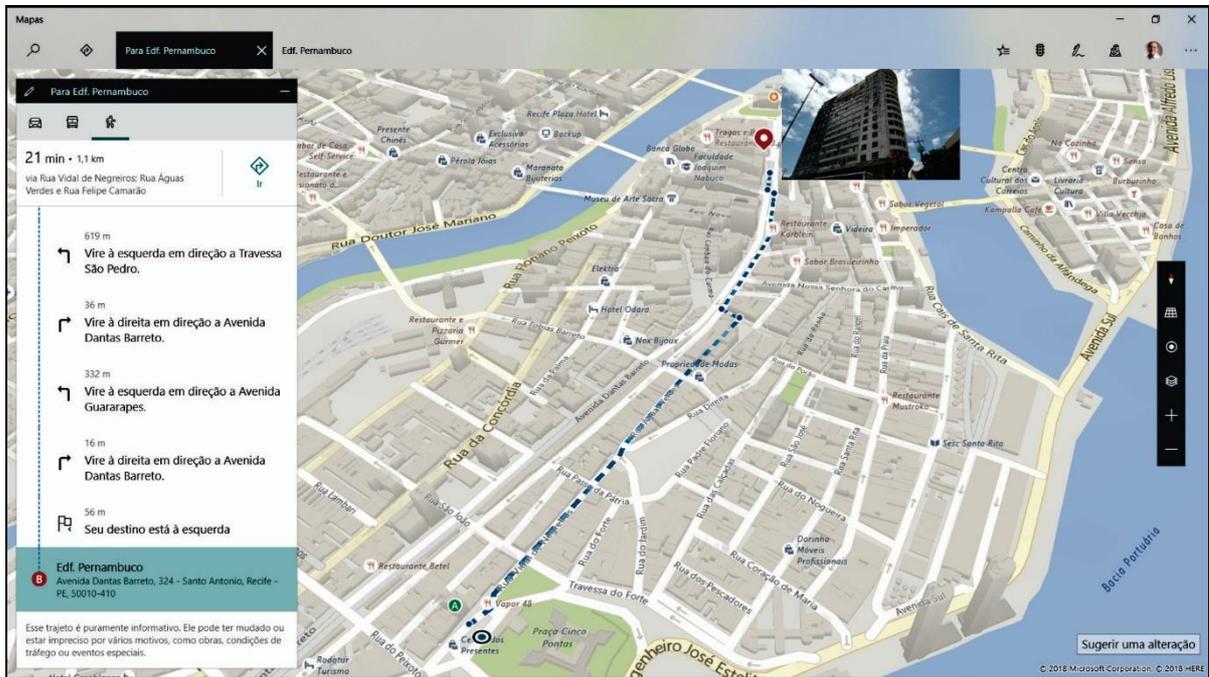
Fonte: Mapas Microsoft.

Intenso abafado no crepúsculo escaldante da cidade, que se agitava num frenesi de sonoridades. Sirenes, ambulantes aos gritos, trânsito e movimentos contrastantes entre construções clássicas e modernas decadentes. Ao se aproximar do local, próximo ao centro degradado, já era possível ver bloqueios policiais desviando o fluxo. Poucas pessoas se concentravam próximas ao palácio do governo.

Ao lado do teatro monumento da cidade, um tablado com enorme cruz cenográfica e inscrições que denunciavam alarmantes índices de violência no Estado. A calçada repleta de pequenas cruces negras indicava uma otimista expectativa dos manifestantes para o ato artístico contra a postura do governador, que minimizava a gravidade do momento. Segundo o mandatário, a escalada de mortes, especialmente feminicídios, era um incômodo, que classificou como desconfortável<sup>1</sup>. O ato coletivo em forma de performance intitulava-se: “Desconforto”.

<sup>1</sup> Declaração do Governador de Pernambuco Paulo Câmara em entrevista à rádio Jornal do Comércio.

Mapa 2 - Perambulação Reunião Virada Cultural. Edifício Pernambuco. Recife, 2017.



Fonte: Mapas Microsoft.

Quatro meses depois, noutra perambulação, fui igualmente levado ao centro caótico, síntese dos intensos processos de ressignificação pelos quais os territórios urbanos contemporâneos se caracterizam. O lócus atrativo situava-se num edifício modernista, meio “art déco”, cuja arquitetura denunciava as intensas atividades comerciais daquele lugar de outrora. Naquela perspectiva, foi possível perceber que a especulação imobiliária associada a crescente degradação do centro, configurava, aos poucos, novas ocupações. O edifício comercial estava paulatinamente sendo ocupado por ajuntamentos de praticantes culturais diversos.

Outros ativistas convocaram reunião para a organização do ato protesto pelo fechamento de um dos mais importantes teatros da cidade<sup>2</sup>, situado ali próximo, noutra paisagem moribunda do centro. Os participantes desejavam no protesto, promover vinte e quatro horas de programação cultural na rua do equipamento cultural, fechado há mais de oito anos pela fundação de cultura da cidade. Era chagada a hora de organizar a primeira “Virada

<sup>2</sup> “Por sua história, o Teatro do Parque transformou-se no equipamento cultural da cidade, mais democrático para as artes. Um berço formador de gerações de amantes do teatro, da música, e do Recife, com ar sempre jovial pelo movimento constante de artistas e público durante todos os dias da semana.” (DIAS, 2008).

Cultural” de um dos símbolos culturais, reconhecido como um dos poucos remanescentes de teatros jardim no país.

A entrada do prédio que abrigava o “Coletivo Sexto Andar”, local marcado para a reunião, revelava-se aos poucos, através do intenso fluxo de ônibus. A precária iluminação da avenida ainda permitia ver o vai e vem de jovens pessoas no prédio com o nome do Estado. Gentes muito diversas conversavam na calçada. Mais ao fundo, um cenário com iluminação num tom sépia denunciava algumas bicicletas na parede do saguão interno. Não sei o porquê, mas essa ambiência lembrou-me de “O Edifício”<sup>3</sup> de Will Eisner, (EISNER, 1987).

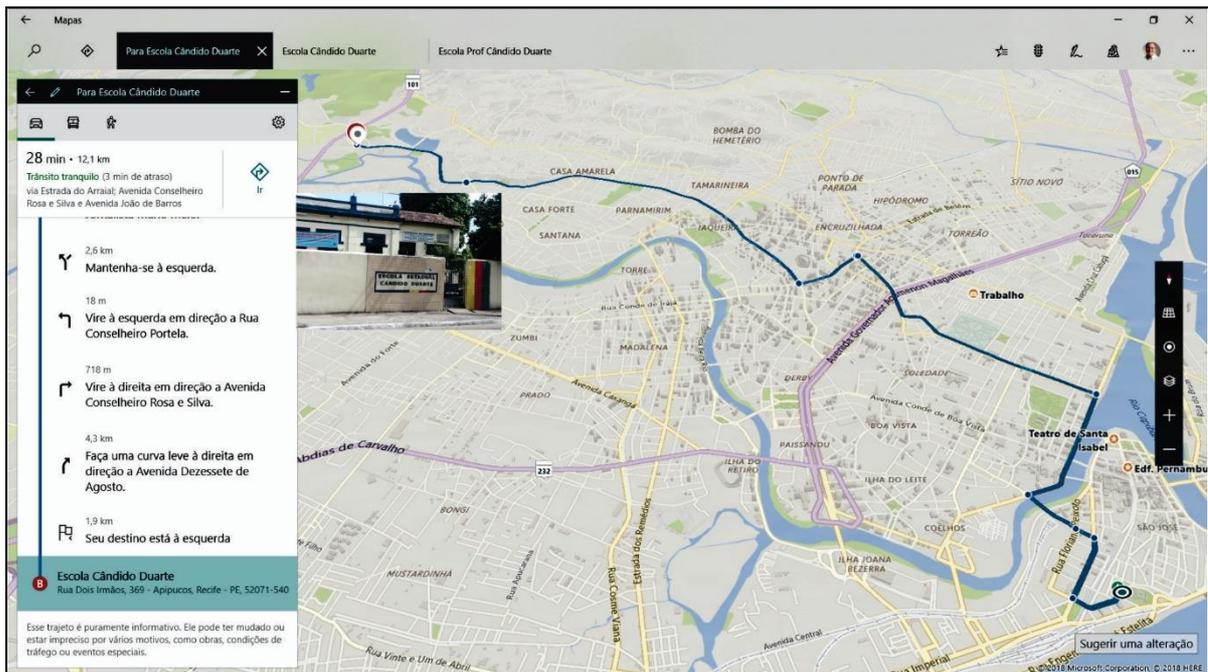
**Ilustração 1** - Graphic Novel "O Edifício" de Will Eisner. 1987



<sup>3</sup> William Erwin Eisner, ou Will Eisner, foi um renomado quadrinista norte-americano. Eisner se destacava pelos enquadramentos cinematográficos, técnicas de sombra e luz inovadoras e um roteiro sólido e de boa qualidade. O autor também nutria grande interesse pela vida cotidiana, e desenvolveu uma série de graphic novels do gênero. Uma delas é *O Edifício (The Building)*, de 1987. A novela gráfica constrói suas personagens de maneira a que suscitem uma coletividade que representa a fugacidade do cotidiano, da vida citadina, através da literatura em quadrinhos. Além disso, a obra é uma crítica ao modo de vida moderno capitalista, tecnicista.

Enquanto esperava o elevador, era possível ver no quadro de aviso a relação das salas ocupadas. Uma diversidade de coletivos, espaços colaborativos e produtoras culturais funcionavam ali. Estranhamente, um misto de hesitação e excitação se fez presente enquanto subia pelo elevador...

**Mapa 3** - Perambulação Ocupação Escola Professor Cândido Duarte. Recife, 08/11/2016.



Fonte: Mapas Microsoft.

Outra excitação. Nove meses antes, nove quilômetros a noroeste do centro, uma escola estadual era ocupada por estudantes e seus familiares. O noticiário na grande mídia difundia tensão<sup>4</sup>. A primeira tentativa de perambular pela ocupação não logrou êxito, mais de cinco viaturas cercavam o prédio da instituição, considerada pelo poder público como referência no ensino médio. Não era possível entrar nem sair. No muro, faixas exigiam a saída do ministro da educação. Era o reflexo local dos intensos movimentos de contestação em instituições de ensino país afora.

Os estudantes protestavam contra um projeto de emenda constitucional<sup>5</sup>, como também exigiam melhores condições de funcionamento e infraestrutura. Através da proposta de emenda à constituição que pretendia limitar os gastos públicos, entre eles, os investimentos

<sup>4</sup> “PM cerca Escola Cândido Duarte, ocupada por estudantes”. Diário de Pernambuco. Recife, 08/11/2016.

<sup>5</sup> A PEC 55 Trata-se de uma limitação ao crescimento das despesas do governo brasileiro durante 20 anos, alcançando os três poderes, além do Ministério Público da União e da Defensoria Pública da União.

em educação. Outro ponto relevante da pauta criticava a forma como o governo federal encaminhava a reforma do ensino médio que, entre outras medidas, previa a extinção de disciplinas como Artes, Filosofia e Sociologia.

Quando o clima policialesco foi destensionado, uma nova perambulação na escola revelou-se exitosa, ocasião na qual foi possível testemunhar as diversas ações promovidas pelos alunos.

O dia cinzento revelava um belo contraste com uma faixa de um violeta intensos fixada na fachada da escola, situada numa movimentada avenida da zona oeste da cidade, numa tradicional bairro mais elitizado. Desta vez, apenas um carro de polícia no pátio externo frontal. Já era possível se aproximar. A postura desleixada do representante da ordem revelara o clima aparentemente mais tranquilo. Sem qualquer impedimento, já estava me aproximando da grade da entrada principal interna, totalmente encoberta por tecidos escuros e cartazes, como um posto de controle. Ao chegar ao portão, um olhar interno já me acompanhava de longe, pois, de súbito, fui secamente interpelado: “É pai de aluno?” Percebi que, dessa vez, não seria possível circular incólume. Ao revelar a intenção acadêmica do momento, se fez um tempo de espera, bem maior que a duração da visita. De todo modo, suficiente para perceber os múltiplos espaços que aquela nova convivência escolar permitira. Muitas pessoas já se articulavam...

**Ilustração 2** – Articulação para a "Performance Desconforto". Recife, 14/04/2017.



Fonte: Facebook.

Alguns meses antes da realização da Performance Desconforto, um grupo de pessoas, com identidades diversas, articulava pelas redes sociais, a realização do protesto espetáculo, de forma colaborativa e em sistema de cogestão, como afirmava a convocatória numa rede social virtual. Conclamavam participantes a irem ao ato, todos vestidos de branco. A proposta era que todos, segurando cruces e velas, deitassem no chão simbolizando o número de mortos até aquele momento no Estado, que já ultrapassava mais de novecentos e setenta e sete mortes. Uma das chamadas durante a campanha anunciava: “Confortável é contar estrelas. Em Pernambuco, infelizmente a gente conta mortes”.

Realizando um reconhecimento no espaço, fui abordado por uma reconhecida produtora cultural da cidade, uma das responsáveis pela organização. Sua ansiedade revelara, por um lado, orgulho pela mobilização e produção. Destacou a “garra” dos companheiros, mas não escondeu o receio de baixa adesão da sociedade amedrontada. O coletivo previa a participação de mais de mil e quinhentas pessoas no ato. Naquele momento, pouco mais de cem pessoas se cumprimentavam em subgrupos à espera do início. Rapidamente, foi possível perceber que, pouco a pouco, espaços vazios do asfalto eram preenchidos por pessoas com os figurinos claros.

A cacofonia do trânsito ia cedendo aos cânticos e músicas que bem traduziam as diferentes vozes presentes. Loas, toadas e melodias diversas ecoavam liberdade, paz e resistência. O espetáculo estava prestes a começar.

Num canto próximo ao palco três atores vestidos de preto como seguranças do palácio revisavam outra parte da ação dramática prevista. Uma atriz se concentrava, noutra canto dançarinos alongavam-se e se aqueciam, enquanto isso outros membros do coletivo dividiam-se em espalhar cruces pelo chão, como também distribuía velas e mais cruces, ou então entregavam pequenos textos para serem lidos durante a performance. No ar um clima de consternação, indignação, tristeza.

Tudo pronto. Profundo silêncio. Circunspecto, o mestre de cerimônia saúda os presentes e provoca: “(...) desconforto é um sapato que aperta. Pra vocês, desconforto é o quê?” Nesse instante o fenómeno performático se instaura. É a deixa para a interação do público que grita medos, protestos e desejos de uma vida em sociedade menos violenta. Naquele momento era impossível não perceber uma “aura” comum.

A porta do elevador abre de súbito. O andar quase inteiro sediava o coletivo e possuía um agradável leiaute despojado, revelando múltiplos usos. Praticamente sem divisões e com

ambientes para trabalhos compartilhados diversos, era possível visualizar um funcionamento bem orgânico do espaço. Num nicho lateral, em volta de uma grande mesa, a reunião para a organização da Virada Cultural havia começado há pouco.

Numa aproximação gradualmente desconfiada, já era possível perceber alguns desafios e posicionamentos. Outros participantes foram chegando, o espaço já não cabia. Mudando o encontro para o amplo espaço central, a reunião era retomada pela comissão de organização. O olhar panorâmico de uma grande roda permitia reconhecer atrizes, atores, músicos, bailarinos, comediantes, produtores, técnicos, professores e designers. Enquanto revisavam alguns encaminhamentos de reunião anterior, debatiam sobre tarefas para a realização da expressiva intervenção cultural que estava por acontecer nos próximos dias.

A luz em resistência envolvia a roda numa penumbra que ressaltava o despojamento de corpos dispostos em diferentes acomodações. Sofás, cadeiras diversas, tamburetes, almofadas e tapetes iam acomodando mais pessoas que ainda chegavam. O debate continuou em relação à indefinição do título e formato do evento que se aproximava.

Alguns questionavam a viabilização de se manter uma programação durante vinte e quatro horas, já que o título sugeria uma “virada” cultural. Sem apoios, a necessidade de infraestrutura e produção demandava bem mais do que o coletivo estava preparado para assumir. Até que um dos participantes defendeu a permanência do termo “virada”, mesmo que a programação ficasse restrita a um período menor do dia. Para ele a palavra “virada” era, antes, um posicionamento político, como quem vira a própria mesa. Entre risos e aplausos, finalmente, decidiram manter o título Virada Cultural a ser realizado num sábado a partir das dez horas da manhã.

O restante da reunião deixou clara a dificuldade de construção de um diálogo coletivo, pois alguns integrantes mais ativos no processo, já demonstrando algum cansaço, expunham algumas fragilidades de arregimentação, por exemplo. Também revelavam descontinuidades nas comissões anteriormente formadas para resolver questões práticas, como infraestrutura, comunicação e relações como o poder público. Algumas posturas dos presentes confirmavam, em parte, a fadiga de algumas lideranças, pois outros posicionamentos pareciam destoar de uma praxis coletiva da ação. Isso parecia revelar o processo de amadurecimento e aprendizado para uma compreensão do caminho compartilhado. Algumas falas deixavam evidentes posturas bem pessoais e nem tão sintonizadas com um sentimento de coletividade, como foi possível registrar na fala de uma participante, atriz, que orgulhosamente proferiu um

“odeio política!”. O constrangimento alheio não impediu a reflexão de que, paradoxalmente, naquele instante, ela parecia não perceber, a presentificação de um ato preponderantemente político.

Finalmente, abre-se o portão principal da escola de referência. O saguão de entrada já não parecia como o que normalmente se percebe quando se entra na maioria das instituições públicas de ensino, escuras, não tão limpas e pouco convidativas. Em rápida visita conduzida por uma das adolescentes da comissão de organização da ocupação, já era possível perceber uma atmosfera de cooperação mútua que parecia transformar aquela arquitetura, que mais se aproximava de um presídio. O vai e vem de alunos denunciava várias ações que aconteciam ao mesmo tempo. Enquanto uns eram responsáveis pela entrada, outros carregavam móveis e objetos, ao tempo que também se percebia uma rotina de limpeza e decoração como epígrafes de um dos momentos mais marcantes do recente período pós golpe de dois mil e dezesseis. Cartazes, faixas e grafitagens criavam uma ambiência de protesto, mas, igualmente, de harmonia e consciência social, tal qual numa colmeia. Impossível não perceber, em especial, um cartaz com extensa programação cultural, com atividades formativas e apresentações artísticas produzidas pelos próprios integrantes. Ali próximo, um pequeno grupo preparava mais cartazes com poesias, desenhos e pinturas. Outros pareciam simplesmente desfrutar de um ócio criativo do momento, conversando descontraída e afetivamente.

Ilustração 3 - Programação Cultural Ocupa Cândido Duarte. Recife, 30/11/2016.



Fonte: Facebook.

Enquanto subíamos as escadas, ia-se clareando a forma como os estudantes se organizavam. A anfitriã, desconfiada, continuava a questionar as motivações daquela visita, e com razão. O início tenso da ocupação com o aparato policial do Estado cercando todo o prédio revelara o anacronismo do poder público em relação às reivindicações dos estudantes, pois resumiriam as ocupações, em curso em todo o país, como uma questão de reintegração de posse, sob o argumento de garantir a segurança da comunidade escolar, mesmo sob coação e violência psicológica. Puro legalismo extemporâneo que visava enfraquecer um movimento legítimo. Nessa perspectiva, os estudantes desconfiavam de quaisquer elementos estranhos que pudessem representar algum tipo de ameaça infiltrada no movimento.

Na performance, uma artista que ficou mais conhecida por participar de um “reality show”<sup>6</sup> se posicionava diante do palco, a proximidade permitia sentir sua respiração forte. Já bem infiltrado na performance coletiva, que já contava com muito mais participantes e, mesmo com número inferior ao desejado pelos organizadores, preenchia boa parte da rua. O apresentador dava continuidade à abertura do evento, a atriz permitia que os participantes pintassem e escrevessem, com batom, em partes expostas do seu corpo. Eram grafismos e expressões que refletiam as motivações do protesto. Aos poucos, o público preenchia espaços com poemas, números de mortes no ano, ou mesmo desenhos. A cena agora era de uma consternação absoluta. Muitas cruces e velas acesas nas mãos, silêncios e semblantes entumecidos sintonizavam um clima comum, semelhante a um luto.

A essa altura, algumas luzes intensas contrastavam com o ambiente amarelado da iluminação pública. A imprensa já se fazia presente. Três ou quatro veículos de comunicação cercavam o perímetro, ora entrevistando, ora captando momentos, ora irradiando a ação como num jogo de futebol. Num canto, parentes de uma das recentes vítimas de feminicídio<sup>7</sup>, respondiam consternados aos jornalistas, numa tentativa de fortalecer a luta pela causa, num dos momentos mais difíceis da ação.

Tempo fechado no dia do evento do teatro fechado. A chuva fina e intermitente, não foi suficiente para arrefecer a movimentação logo cedo naquele sábado de agosto. Como combinado na reunião anterior, as comissões de infraestrutura e produção já providenciavam

---

<sup>6</sup> Big Brother Brasil. Rede Globo de Televisão, 2014.

<sup>7</sup> “Jovem morta em flat foi vítima de violência e tortura, diz Polícia Civil de PE”. Fonte: <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/jovem-morta-em-flat-foi-vitima-de-violencia-sexual-e-tortura-diz-policia-civil-de-pe.ghml>

a montagem das estruturas que seriam dispostas em toda a rua do teatro fechado. A comissão de relações institucionais já havia solicitado à Prefeitura o fechamento da rua. A ideia era sensibilizar a população para as questões que impactavam aquele tradicional espaço urbano de convivência. A rua em pleno centro comercial da cidade ia, aos poucos, mudando sua configuração caótica. Lojas, bares e o via-e-vem de pessoas apressadas misturava-se a toldos, iluminação cênica e equipamentos de sonorização. Tudo quase pronto.

Agora já me encontrava no coração da ocupação da escola de referência. O apoio de professores e alunos da Universidade Rural de Pernambuco aos estudantes abriram as portas da confiança. Num átimo, já estava sendo apresentado ao núcleo organizador durante uma reunião de monitoramento. Olhares jovens e em sua expressiva maioria, femininos encantaram-me pelo simbolismo do momento. Naquele instante era possível perceber o protagonismo das adolescentes na liderança da ocupação. Insistiam na necessidade de construção de uma pauta positiva que pudesse desconstruir os estigmas que estavam sendo propagados pelos porta-vozes do Estado, como também pela grande mídia, que se esforçavam em desqualificar rotulando as ocupações como depredação ao patrimônio, baderna, entre outros adjetivos depreciativos. O que se vivia ali dentro daquelas ações coletivas de jovens era justamente o oposto. Impossível não presenciar uma escola ativa, participativa e viva.

Na Performance Desconforto, os momentos que se seguiram, de uma comoção surpreendente, pareciam ampliar a aura estética ampliando sensações e aguçando sentidos. No ar, o odor de parafina das velas, batidas de tambores, a iluminação trepidante das chamas refletidas nos rostos contribuía para a composição dramática da primeira intervenção artística prevista para aquela noite. O tambor solitário marcava um ritmo marcial. Adiante, três atores vestindo ternos escuros conduziam secamente uma mulher ao centro do público. No espaço, rapidamente configurado como uma arena, a jovem tentava resistir à medida que a violentavam ainda mais com empurrões e simulando golpes violentos, cada vez mais crescentes. Choros, gritos e crescente sofrimento dava o tom da encenação. Parecia que aquilo não ia parar, doía ver. Num impulso da plateia, outras mulheres interferiram na encenação, era preciso cessar. Elas se interpuseram entre os homens de preto, enfrentando-os e exigindo o final daquilo: “Parem! Parem!”, enquanto outras amparavam a atriz, já desnudada e aos prantos. Difícil era segurar o que seria o primeiro choro. Ao redor, muitos também já em prantos contidos.

No palco, o apresentador emendava anunciando outros alarmantes índices de violência no Estado. Um cantor já estava a postos para entoar uma versão do Hino do Estado, cuja

licença poética parafraseava um verso oficial: “Pernambuco, mortal, mortal!”. Enquanto se ouvia o forte canto acompanhado por ritmada percussão, uma fila se formava atrás do tablado, quando o verso parava, alguém lia pequenos textos alusivos às novecentas e setenta e sete vítimas assassinadas até aquele momento. Num das falas distribuídas, recebi numa tira de papel: “Katarine Ferreira, 17 anos. Katarine queria ser médica. Era uma jovem feliz. Morreu abraçada à sua prima, enquanto dançavam sua última música. Um policial atirou em Karine a sangue frio.” E a cada leitura, repetia-se o refrão em coro com a plateia. “Pernambuco, mortal, mortal!”

Choveu durante todo o dia. Era o início na noite de perambulação pela cidade molhada. Ao contrário do esperado, a rua do teatro fechado, apinhada, atraía mais gentes. A grata surpresa me conduziu rapidamente para baixo da primeira marquise já lotada. A visão da rua tomada, gambiarras de luzes coloridas, alguma iluminação cênica, projeções e um veículo utilitário psicodélico no meio da rua, ilhado por muitas pessoas dançantes que já confirmam o sucesso do evento. Era o resultado da mobilização coletiva virtualizada. Decido atravessar o evento por toda a extensão da via repleta de “aura estética”, fenômeno novamente identificado.

Na ocupação escolar, as pautas diziam respeito à consecução de uma programação cultural que envolvia apresentações artísticas diversas, com grupos formados pelos próprios alunos, como também convidados. Também programavam atividades formativas e rodas de conversas sobre temas da atualidade. Tais preocupações traduziam-se, igualmente, nas demandas por infraestrutura, suprimentos para os acampados, organização espacial, conservação e manutenção, pois se ocupavam também pelo cuidado com o patrimônio predial. Durante a visita, a anfitriã fez questão de mostrar outras ações do movimento, como concertos em portas, banheiros e instalações elétricas. A ocupação contava com a adesão e ajuda de muitos familiares, alguns até se fazendo presente no acampamento como os filhos.

O “Desconforto” se aproximava do final. As falas que se sucederam, foram espaços abertos às famílias recentemente atingidas por crimes contra mulheres. Familiares, advogados e outra organizadora se revezaram na tribuna. Um defensor, indignado, bradava ao fundo da cena onde se localizava o Palácio do Governo. Mirando o palácio, sinalizou que falaria de costas da mesma forma como o representante do povo estava fazendo com a sociedade. Na sequência, uma organizadora leu o manifesto “Desconforto” sob os aplausos de todos. A finalização do ato foi ativada por uma performance com bailarinos negros se apropriando do espaço urbano e envolvendo todo o público. O céu enluarado com algumas nuvens que

pareciam fluir naquela noite potente. Quase sem perceber, já estávamos deitados no asfalto segurando as cruzes negras recebidas no início. Gritos engasgados. Era o momento de soltar o ar preso: “Basta!”.

**Foto 2** – “Performance Desconforto”. Palácio do Campo das Princesas. Recife, 19/04/2017.



Fonte: Facebook.

A rua agora viva do teatro fechado favorecia a um mergulho na música, poesia, dança, teatro, moda e no audiovisual. As diversidades dos corpos úmidos amalgamavam o protesto cultural. Tudo parecia acontecer ao mesmo tempo. E em lapsos de memórias, aquelas sensações pareciam recriar, em algum nível de realidade, um simulacro. Como em outras épocas, todos os bares e restaurantes abertos com as cadeiras nas calçadas e pessoas conversando. Eram instantes que remetiam a lembranças de quando o teatro funcionava e como se faz relevante para a cidade, em especial para aquele lugar de afetos. Ao fim do percurso imersivo, pausas para o contato com alguns integrantes do coletivo organizador. Ao adquirir uma camisa e parabenizando pelo êxito do movimento, pergunto a um deles quais os próximos passos coletivos. A tensão de sua responsabilidade naquele momento abriu-se em leve sorriso para um desabafo: “Só estamos começando...”.

**Foto 3** - Virada Cultural Teatro do Parque. Rua do Hospício. Recife, 29/08/2017.



Fonte: Facebook.

Já saindo pelos fundos da escola ao final daquela manhã, a imagem que sintetizava os surpreendentes momentos na ocupação, era a transformação de algumas áreas externas em jardins e cultivos de horta. Germinação, cultivos e florescimentos de novas práticas sociais marcaram simbolicamente aquela perambulação, intensa de sentidos. O dia agora era de cinzas coloridos. Ainda impactado, da calçada, voltando o olhar para os cartazes do portão de entrada, um em especial parecia sintetizar e ressignificar o sentimento daquela experiência: “Ocupar sempre. Temer nunca!” Final da primeira jornada.

**Foto 4** - Ocupação cultural da Escola Cândido Duarte. Recife, 2016.



Fonte: Facebook.

As reflexões iniciais partem da análise dos três registros perambulatórios em forma de crônica. Os finais provocativos “Basta!”, “Só estamos começando...” e “Ocupar Sempre, Temer jamais!” configuram expressões aparentemente verossímeis em diversos movimentos sociais ao longo da História, sem nenhuma novidade aparente. Todavia, são frutos recentes de organização e mobilização de outros processos convergentes na conformação de coletivos socioculturais, especialmente no Recife. Ao mobilizar questões que envolvem novos arranjos, pertencimentos e identidades, é possível delimitar parâmetros visando jogar novas luzes sobre possíveis papéis sociais da cultura. Portanto, convidamos à reflexão sobre novas formas de organização de coletivos culturais a partir da análise de três conceitos chaves, quais sejam, cultura, territórios afetivos e narrativas estéticas.

Naturalmente, são necessários delineamentos sobre alguns pressupostos epistemológicos que devem contribuir para uma fértil reflexão inicial sobre novas formas de organização nas quais o complexo cultural se orienta nas sociedades. Situados conceitualmente em áreas de fronteiras entre tradicionais campos do conhecimento que vai do antropológico passando pelo sociológico até os estudos sobre comunicação, muito embora o caminho percorrido pela investigação etnográfica tenha-se revelado desafiador para a percepção multidimensional que o tema evoca, é possível visualizar no mapa conceitual proposto a seguir:

**Mapa Mental 2 - Novas Formas de Atuação e Organização da Cultura.**



Fonte: Formatação do autor.

Sem a pretensão de esgotar uma reflexão geral sobre cultura, mas, antes apresentar algumas ideias que mostram possibilidades de abordagens diversas, apresentamos breve digressão destacando alguns princípios que nos leva às reflexões sobre hibridismo cultural, cuja relevância se mostra potente para o recorte metodológico do presente estudo. Portanto, longe de quaisquer unanimidades conceituais ao longo da História, o fenômeno cultural, como atributo marcadamente humano, caracteriza-se de partida, como dinâmico e mutável.

Um dos primeiros conceitos etnológicos de cultura parte do período iluminista anterior à Revolução Francesa, como sendo a soma dos saberes acumulados e transmitidos. Nessa linha, para o mentor do moderno conceito de cultura, Edward Burnett Taylor, em seu livro “*Primitive Culture*” (TAYLOR, 1920), a cultura se apresenta como sendo um complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes, entre outras capacidades capitais para a vida em sociedade. Mas, para além de conceitos mais reducionistas, nos quais a cultura pode ser tudo o que define o ser humano, especialmente demarcado por tradicionalismos estabelecidos, há que se inferir que, se a Cultura é tudo, do mesmo modo também pode ser nada, já que todos os atributos relacionados têm o mesmo valor.

Noutra perspectiva ainda fortemente alicerçado numa concepção antropológica, Clifford Geertz contribui com a discussão ao ressaltar uma preocupação de cunho mais semiológico, pois aponta para uma interpretação simbólica nas correlações entre vetores biológicos e desenvolvimento social. Para tanto, o autor cita Max Weber que definira Cultura como sendo “o legado de uma parcela finita da infinidade de fatos do mundo sem significado, que tem significado e importância do ponto de vista dos seres humanos”. Dessa forma Geertz aponta para o entendimento sobre cultura como uma produção humana suspensa numa teia de significados que ele mesmo teceu. Uma ciência interpretativa, distanciando-se do conceito de ciência experimental em busca de leis. Nessa visão, a Cultura é o campo do simbólico, dos rituais, valores e sentidos.

Entretanto, os pressupostos antropológicos de totalidade já não servem para os estudos sobre cultura, segundo o pesquisador Teixeira Coelho (COELHO, 2008) ao afirmar que “Cultura não é o todo. Nem tudo é cultura. Cultura é uma parte do todo, e nem mesmo a maior parte do todo – hoje”. Provoca a reflexão de ao recorrer a uma metáfora pouco usual campo dos estudos culturais citando Francis Bacon quando escreveu sobre cultura como “adubamento dos espíritos”. Para ele, o autor faz uma aproximação sugestiva entre esterco e

elevação espiritual, correlacionando a cultura com o estrume, pois “ela tem de ser o resíduo de algo que foi ingerido, digerido e eliminado sob forma pouco desejável, teria de ser o resultado de algo que não serve mais a sua função ou programa inicial, algo que já morreu e passa a servir para alimentar e fazer viver alguma outra coisa (...)”. Dessa forma parte da premissa de uma visão de cultura como fenômeno de transmutação, ao que chama de processo de “desaquisição cultural”, pois se trata de uma impossibilidade natural de auto conservação. Nesse sentido, a ideia chave é a de que cultura figura como um processo social dinâmico e transformador que se expressa a partir de processos de contínuas ressignificações simbólicas.

Ainda com um conceito holístico mais abrangente, afastando-se de visões patrimonialistas e dicotômicas da cultura, o pesquisador Néstor García Canclini (CANCLINI, 20015), em seu livro “Diferentes, Desiguais e Desconectados – Mapas da Interculturalidade” estabelece um “labirinto de sentidos”. Inicialmente estabelece uma crítica à filosofia idealista alemã que distingue cultura e civilização, pois naturaliza a divisão entre o material e o espiritual, o que segundo o autor favorece a outros binarismos como a divisão do trabalho entre classes e grupos sociais, como também nas dialéticas entre oriente e ocidente “moderno”.

Para Canclini não é, pois, “uma caracterização pertinente da cultura, no estado dos conhecimentos sobre a integração de corpo e mente, nem do uso apropriado depois da desconstrução do eurocentrismo operada pela antropologia”. Sua análise destaca as principais narrativas, tendo como primeira noção, o uso óbvio e cotidiano da palavra cultura como sendo o acúmulo de conhecimentos e aptidões intelectuais e estéticas. Tal uso coloquial remete a uma aproximação com a educação, ilustração, refinamento e informação ampla.

Noutra perspectiva de usos mais científicos, situa os principais confrontos alusivos aos termos natureza-cultura e sociedade-cultura numa tentativa de construir uma noção cientificamente aceitável, que prescinde de uma definição relativamente comum num dado sistema teórico, como também na consecução de um protocolo de observação rigoroso com registros sistemáticos. Entretanto, apesar de reconhecer que tal acepção contribuiu para um reconhecimento da cultura como atributo criado por todos os seres humanos, em todas as sociedades e em todos os tempos superando, portanto, formas primárias de etnocentrismo, o autor chama a atenção para uma consequência política dessa definição: o “relativismo cultural”, quando observa criticamente que o reconhecimento indistinto de todas as culturas sem diferenciações, as torna incomparáveis e sem possibilidades de mensurações.

Nesse sentido, o fenômeno cultural para efeito de delimitação conceitual relativa à presente pesquisa, dialoga com os aspectos que dizem respeito a uma aproximação com valores de significação e bens simbólicos, defendida por Canclini ao afirmar que “a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social”. Portanto, ao se observar a conformação de novos arranjos coletivos a partir das três crônicas, aparentemente distintas, seja do ato performance, do evento pela reabertura do teatro, ou da ocupação da escola de referência; é possível identificar convergências no que diz respeito aos ativos simbólicos mobilizados enquanto narrativas culturais híbridas. As intersecções mais evidentes dizem respeito, inicialmente, aos processos de ruptura com uma ordem pré-estabelecida, ao questionar em sua prática, modelos e continuidades de sistemas que já não ressoam frente aos dilemas contemporâneos.

Embora Canclini tenha desenvolvido o conceito de hibridação como uma cultura interconectada, num contexto histórico onde o multiculturalismo como visão eurocêntrica, já não reverberava em realidades de países em desenvolvimento, o pesquisador chama a atenção para as conexões interculturais de trocas, cruzamentos, fusões, conflitos e contradições. Tal abordagem pós colonial, igualmente tece críticas a estudos culturais norte americanos ao não levarem em conta o contexto dos processos socioeconômicos, tão evidentes nas assimetrias latinoamericanas.

Sendo assim, como recorte metodológico no concernente à essa pesquisa, entendemos o conceito de cultura como sendo o complexo de sistemas que mobilizam ativos simbólicos que atuam de forma transdisciplinar na sociedade. Portanto, é possível identificar, de forma análoga e, a partir das crônicas de experiências coletivas aqui ofertadas, a manifestação alguns processos de hibridização e interculturalidade, como é possível observar nas seguintes passagens:

Narrativa 1 – “De ouro modo, alguns meses antes à realização da Performance Desconforto, um grupo de pessoas, com identidades diversas, articulava pelas redes sociais, a realização do protesto espetáculo, de forma colaborativa e em sistema de cogestão, como afirmava a convocatória numa rede social. ”

Narrativa 2 – “A rua, agora viva, do teatro fechado favorecia a um mergulho na música, poesia, dança, teatro, moda e no audiovisual. As diversidades dos corpos úmidos amalgamavam o protesto cultural.

Tudo parecia acontecer ao mesmo tempo. E em lapsos de memórias, aquelas sensações pareciam recriar, em algum nível de realidade um simulacro. ”

Narrativa 3 – “Num átimo, já estava sendo apresentado ao núcleo organizador durante uma reunião de monitoramento. Olhares jovens e em sua expressiva maioria, femininos encantaram-me pelo simbolismo do momento. Naquele instante era possível perceber o protagonismo das adolescentes na liderança da ocupação. ”

De pronto, alguns aspectos tomam relevo ao tornar evidente um tipo de organização pautada pela diversidade, interconectividade e ativismo de minorias que protagonizam novas pautas e arranjos gregários coletivizados a partir de processo de identificação recíproca. São evidências que transversalizam algumas características presentes nos coletivos culturais estudados. Seja como organizações difusas e multiformes ou, de outro modo, através das múltiplas narrativas estéticas presentes.

A opção metodológica de apresentar os dados vivenciados, entremeados a partir das narrativas subjacentes aos fatos historiograficamente objetivos, configura, no âmbito dessa pesquisa, um simulacro analítico que possa permitir, a partir de uma percepção ficcional, a compreensão de uma dada realidade como ponto de partida para as necessárias digressões inerentes à pesquisa etnosociológica. Portanto, as narrativas que aproximam ficção e política convergem para uma sistematização conceitual aparentemente imperceptível fora dessas lentes nas quais convergem numa junção necessária entre estética e política, possibilitando desse modo, novos olhares para outra perspectiva histórica.

No livro “Partilha do Sensível”, o pesquisador Jacques Ranciere apresenta tal conceito como um sistema de evidências críveis, que revelam a existência de um “comum”, bem como de recortes definidores de espaços, tempos e ações. Defende que o “comum” é entendido como a possibilidade de participação de “uns e outros” quando partilham atividades. Citando (ARISTÓTELES, 2010), diz que o cidadão é quem toma parte no fato de governar e ser governado. No sentido kantiano, caracteriza-se por um sistema de formas no qual se é permitido sentir. Nessa linha, o autor afirma que é “(...) um recorte dos tempos e espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência” (RANCIERE, 2005, p.16).

Narrativas e temporalidades se entrelaçam. Para o filósofo Paul Ricoeur, no seu livro “Tempo e Narrativa” existe um núcleo comum entre narrativa de ficção e historiografia. Ambas prescindem da exigência da verdade, bem como do caráter temporal da experiência humana. Desenvolvendo um conceito circular entre narrativa e tempo, Ricoeur afirma que o “o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 15).

Nos coletivos estudados, as narrativas estéticas presentes não são inocentes, mas, antes impregnadas de sentimento de indignação que contestam frequentemente os sistemas políticos e seus perversos efeitos de exclusão social historicamente acumulados. Daí decorre uma estética própria. A estética como filosofia da Arte, cuja origem grega significa “aquele que nota, que que percebe”, figura como o estudo do que é o “belo” nas manifestações artísticas e naturais.

Atualmente, nos estudos contemporâneos de teoria da arte, a obra pode ser considerada como uma manifestação da expressão humana ou, num entendimento histórico sociológico, um documento analisado no seu próprio ambiente sócio histórico. Nessa perspectiva percebemos nas ações dos coletivos focalizados a percepção de discursos que se concentram nas pautas que unem. As crônicas apontam, igualmente, para a emergência de uma “aura estética”, de um novo paradigma do “sentir em comum”, como afirma o sociólogo Michel Maffesoli (MAFFESOLI, 1987) no seu livro o “Tempo das Tribos”.

Ao abordar o tema de “tribos afetuais” a partir do conceito de Comunidade Emocional, o autor aponta inicialmente para o declínio do individualismo nas sociedades de massa, bem como as configurações sociais que parecem ultrapassá-lo. Para tanto, parte de um pressuposto ficcional, cuja metáfora centrada no mito de Dioniso<sup>8</sup> acentua, sobretudo, o aspecto confusional da socialidade nos últimos dois séculos de uma sociedade completamente saturada. Destaca a relação entre realidade e ficção quando diz que o teatro de Beckett<sup>9</sup> indica o caminho, “destruindo a ilusão de um indivíduo senhor de si mesmo e de sua história”.

---

<sup>8</sup> Dioniso era representado nas cidades gregas como o protetor dos que não pertencem à sociedade convencional e, portanto, simboliza tudo o que é caótico, perigoso e inesperado, tudo que escapa da razão humana e que só pode ser atribuída à ação imprevisível dos deuses.

<sup>9</sup> Beckett é considerado como um dos escritores mais influentes do século vinte. Fortemente influenciado por James Joyce, ele é considerado um dos últimos modernistas. Como inspiração para muitos escritores posteriores, ele às vezes também é considerado um dos primeiros pós-modernistas. Ele é um dos escritores fundamentais do “Teatro do absurdo”. (Wikipedia, 2018).

Os valores transitórios, fugidios e efêmeros que caracterizam a sociedade pós-industrial, definem um complexo universo de ressignificações culturais. Os pressupostos de uma pós modernidade fragmentada, revelam mudanças significativas no comportamento social, especialmente percebidas nos últimos trinta anos, mostrando que a dinâmica cultural dialoga, não apenas com a universalidade acumulada do conhecimento artístico, mas também, na apropriação de novos paradigmas que parecem definir este início de século vinte e um.

A atual crise percebida em escala global, especialmente no campo econômico revela, sob muitos aspectos, o esgotamento de modelos ainda pautados na exploração de ativos que comprometem os recursos naturais, amplia desigualdades e concentra riquezas. Por outro lado, experiências com base no desenvolvimento de regiões e territórios, como movimentos que buscam, a partir do conhecimento, alternativas sustentáveis de bem-estar social.

O reconhecimento de potencialidades locais, induzido por processos culturais, especialmente no campo da produção de saberes e fazeres, configura o ambiente ideal para a difusão do conhecimento acumulado e organizado. Nesse sentido, o desenvolvimento de territórios é favorecido pela sinergia propiciada na difusão de um capital simbólico que se expressa através da educação, de pesquisas, informação, tecnologia e inovação. Atributos tão característicos de outros níveis de desenvolvimento que devem nortear a sociedade, doravante.

Há algum tempo alternativas organizadas em redes de produção e consumo solidários, ou como se percebe, especialmente ao longo das últimas décadas, a emergência do campo do conhecimento conhecido como Economia Criativa, cujas forças residem nos ativos simbólicos culturais, devem contribuir expressivamente para o desenvolvimento regional, contrapondo-se aos efeitos nocivos das contradições contemporâneas. Formas de organização social como coletivos configuram novas correlações de forças e que impactam positivamente territórios.

No âmbito dos coletivos estudados, como é possível identificar a partir das crônicas apresentadas anteriormente, fica evidente a emergência de uma rede cultural de afetos, como uma cartografia simbólica. Para a pesquisadora Suely Rolnik paisagens psicossociais também são cartografáveis. “A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.” (ROLNIK, 2014).

Os agenciamentos presentes na construção e ressignificação de territórios coletivos não parecem guardar semelhança com a formação com um fenômeno estudado no campo econômico conhecido como “clusters”, que pode ser traduzido como grupo ou aglomerado. Na economia criativa, os clusters são agrupamentos espontâneos de profissionais que, normalmente, ocupam lugares abandonados e transformam e territórios produtivos a partir de ativos simbólicos, com vistas a geração de negócios e revitalização de espaços.

De outro modo, as questões inerentes à dispersão afetiva dos coletivos culturais numa geografia dos afetos, propõem um exercício cartográfico de formação do desejo no campo social, visando atribuir sentidos e pontes de linguagens. Nessa perspectiva, os conceitos de desterritorialização e reterritorialização desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari buscam aprofundar os agenciamentos presentes na construção e ressignificação de territórios coletivos. Para os autores, “A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual “se” abandona o território.” (DELEUZE, et al., 1997). Portanto, tal fenômeno pode ser substituído por um movimento compensatório e contrário de reocupação ou substituição material e/ou simbólica.

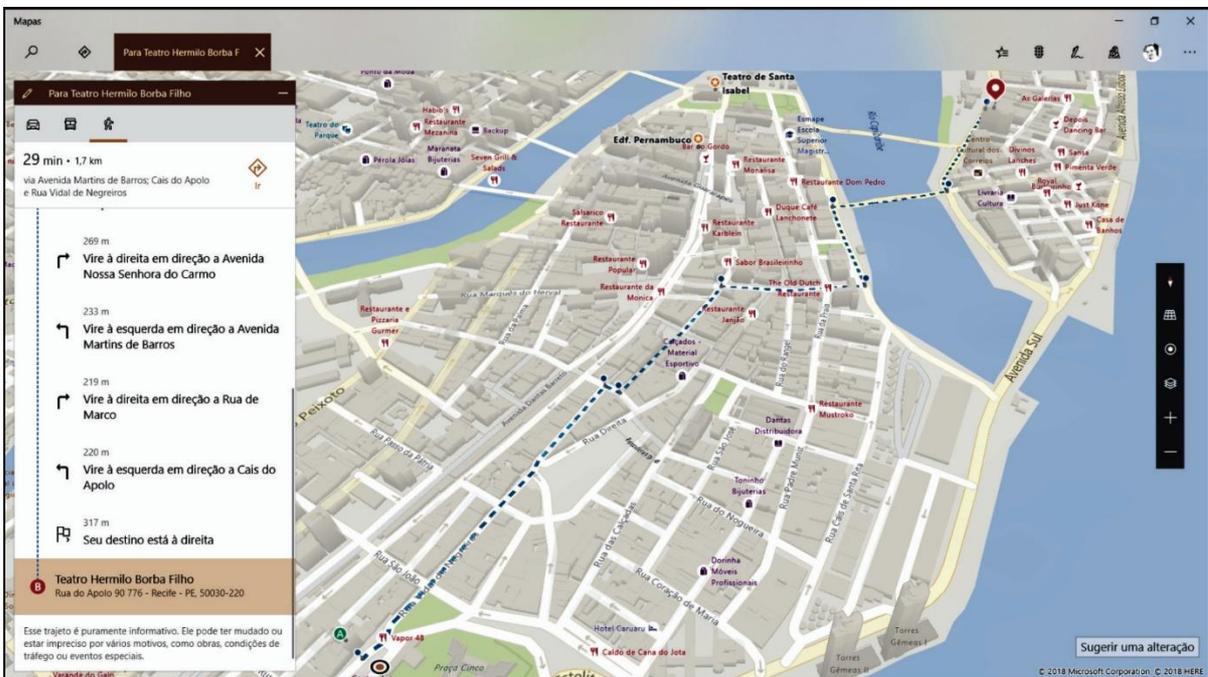
Para os autores o pensamento se faz no processo de desterritorialização, rompendo-se com o território existente e criando novos arranjos: “Qualquer coisa pode fazer às vezes da reterritorialização, isto é, “valer pelo” território perdido; com efeito, a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho, sobre um sistema (...)”. (DELEUZE, et al., 1997)

Sendo assim, os territórios estão em constante processo de ressignificação e, novos arranjos de participação e produção social da cultura criam e disseminam narrativas estéticas que anunciam novas visões de mundo e modos de vida, como é possível identificar a partir das narrativas crônicas dos coletivos culturais estudados, como será possível aprofundar a partir do capítulo dois na sequência.

## 2. COLETIVOS CULTURAIS

(...) Isto aqui, não se engane, é sobre os perdedores: os que se revoltam, os que calam, os que seguem na luta, os que jogam a toalha, os que gritam, os que se aniquilam, enfim, sobre todos os que moram no porão, homens e mulheres, que estão na base profunda da pirâmide a suportar um peso demasiado injusto, dia após dia, ao longo de toda a vida, pagando a maior parte da conta, sem direito a quase nada. Isto aqui é para provocar reflexões e nos sacudir para fora da inércia. É para ser um soco no estômago, um pé no saco, uma tapa na cara. É para causar náuseas e alguma dor de cabeça. Sim, a opção de viver é também uma opção política. Ficar ou fugir também. Mas pode custar caro. Até onde e até quando a gente vai aguentar?<sup>10</sup>

**Mapa 4** - Perambulação “Alguém pra Fugir Comigo”. Teatro Hermilo Borba Filho. Recife, 310/03/2017.



Fonte: Mapas Microsoft.

Crepúsculo. Trânsito intenso numa avenida central com gente para todo lado em fluxos aleatórios. A delicada melodia anunciava uma jovem negra vestindo um casaco branco, de pé numa parada de ônibus, solitária no meio da multidão, que se agitava entre os “coletivos” que chegavam e partiam. Indiferente, segurava uma mala. Seu olhar perdido encara a câmera, as pessoas ao seu redor pareciam não a perceber. Passageiros e transportes iam e vinham e já se fez noite. O clima sombrio daquele “não lugar” clareava ainda mais a solidão da bela mulher, que parecia esperar a eternidade. Ela já não cabia no espaço da

<sup>10</sup> Trecho do espetáculo “Alguém pra Fugir Comigo”, do Coletivo Resta 1 de Teatro, que estreou em março de 2017 no Teatro Hermilo Borba Filho, Recife.

estação depredada e suja. Cansada de esperar, decide sentar-se num banco e o tempo continua passando.... Finalmente puxa a mala para o colo e, delicadamente, apoia a cabeça. Seu olhar denuncia um misto de candura, melancolia, desesperança e tristeza, ao finalizar, em close, o filme.

Alguns dias depois, a caminho de uma ilha, onde fica a cidade antiga. Uma noite no teatro a beira do cais. Ao atravessar a ponte, lembrava-me das motivações que contribuíram com a deambulação daquela noite! o provocativo vídeo de divulgação de um espetáculo visto dias antes numa rede social, mostrou-se especialmente interessante. Inicialmente, pelo convite para “fugir”. Depois, por que se tratava do resultado de um trabalho de pesquisa de um dos mais recentes coletivos culturais da cidade. A expectativa me tomava, pois, a maioria dos integrantes haviam sido meus alunos, outros, já mais experientes, amigos de profissão.

No saguão de entrada alguns rostos conhecidos entre outros diferentes, denunciavam que o espetáculo atraía um público eclético. Chamava a atenção o interesse de uma plateia jovem, certamente muitos amigos dos integrantes do coletivo. Impossível não conectar a “amizade” aos coletivos. Registro feito. Tento agora localizar as ações dos integrantes daquele coletivo. Deparo-me com uma jovem e bela atriz, dessa vez sua atuação é como bilheteira do grupo. Outro registro relativo aos arranjos necessários ao pleno funcionamento da récita: todos parecem fazer tudo, numa espécie de regime colaborativo. As movimentações sorrateiras de outros integrantes era a confirmação. Do alto do mezanino que dava para o saguão, aponta o diretor. Seu olhar, numa varredura, parece querer identificar ou perscrutar o público e sua “aura”. Já era possível ouvir uma melodia que vinha do interior da sala de espetáculo, era necessário se instalar um clima que, aos poucos, quase sem que se notasse, nos envolvia a todos.

Na longa fila já formada, próximo do final que dava para a área dos fundos, pela porta entreaberta, era possível entrever o elenco que parecia mergulhar numa atmosfera preparatória, que denunciava um pouco da experiência pela qual o público passaria em instantes. A fila anda. Outro integrante já nos espera na portaria e adverte para que todos mantenham os ingressos na mão. A penumbra e a música nos abraçam ao penetrar na sala. O espaço de representação, em configuração alternativa, apresentava um leiaute intimista que aproximava a área de representação da plateia, através de duas arquibancadas e almofadas bem próximas da cena.

O público parecia comungar daquela intenção. As pessoas pareciam querer ficar o mais próximo possível, como se desejasse fazer parte daquele ritual. De súbito, percebo o diretor novamente, agora cruzando com ligeireza uma passarela técnica num nível superior.

Gesticulou algo para outro parceiro na cabine de som e luz. O espetáculo estava prestes a começar, mas ainda desejava registrar os semblantes do público naquela experiência coletiva, bem inerente ao ancestral fenômeno teatral. Ao percorrer o olhar pelos olhares já pouco iluminados, novamente percebo a “aura estética” latente, como uma predisposição para embarcar numa viagem conjunta. Muitas caras novas, outras mais maduras pareciam sintetizar o temário bem contemporâneo proposto pela peça que envolvia, ente outras questões, diferenças, identidades e deslocamentos. Agora, o cioso diretor, já embaixo, confere tudo atravessando o palco como um tripulante checando a aeronave antes de começar a viagem.

O que se vê depois são histórias muito atuais, que dialogam com as diversas crises humanitárias e culturais, ora em curso. De violências historicamente acumuladas, passando por mazelas migratórias até vilipêndios de gêneros e identidades em choques. Culpas, medos e solidões parecem nos arrebatam coletivamente numa catarse aristotélica. Eis que o fenômeno teatral coletivo se instaura e tem início a apresentação. O espetáculo é uma colcha de retalhos a partir de adaptações diversas de textos que falam sobre solidão, perdas e segregações.

Após os aplausos e agradecimentos, na saída, fixei-me em alguns silêncios quase imperceptíveis, resignados e tocantes. Impossível não se reconhecer, não se identificar, não se emocionar. Naquela noite, o coletivo de jovens artistas cumprira seu papel com louvor! Nesse instante, não sei o porquê, mas recordo de uma passagem da leitura que me envolvia no dia anterior. No livro “Saturação”, Michel Maffesoli, ao se referir aos processos de esgotamento da sociedade contemporânea e, ao surgimento de novas tribos afetuais, como afirma: “Deixar fazer, deixar viver, deixar ser. Essas bem que poderiam ser as palavras chaves dessas tribos ‘inocentes’, instintivas, algo animais e, certamente, bem vivas.” (MAFFESOLI, 2010).

**Ilustração 4** – “Teaser” divulgação do espetáculo “Alguém Pra Fugir Comigo”. Recife, 2017.



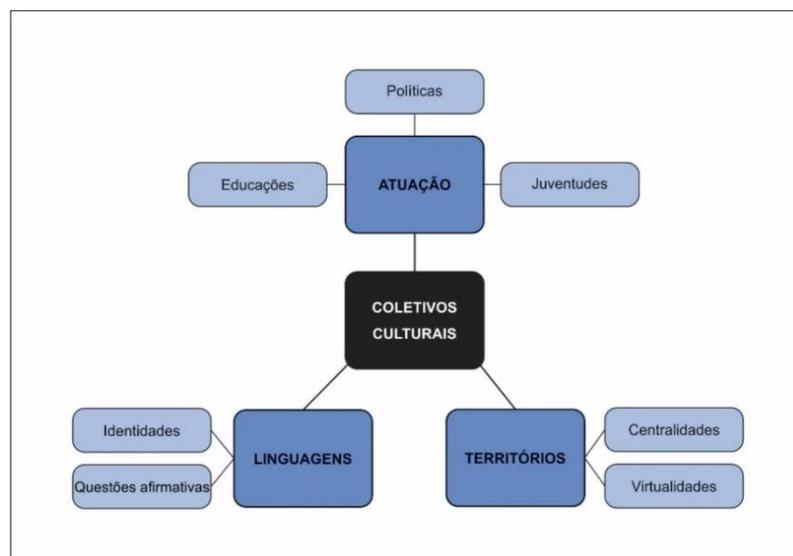
Fonte: You Tube<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> <https://youtu.be/FliaJfgK2Uk>

A assertiva de Maffesoli figura como um convite à compreensão sobre como os coletivos culturais se caracterizam no âmbito desta pesquisa, a partir dos resultados apresentados a seguir. Antes, a crônica deambulatoria do espetáculo, resultado da pesquisa estética do Coletivo Resta 1 de Teatro, pode representar, de forma simbólica, alguns dos percursos desenvolvidas nesses novos arranjos criativos pesquisados.

Inicialmente, alguns aspectos evidenciados pela crônica do espetáculo, guardam características comuns à forma de atuação e resultados levantados. De pronto, fica clara a necessidade de demarcação de narrativas que dialoguem com os dramas da sociedade atual, nas quais, pontos nevrálgicos catalisam novas relações de pertencimento e participação cultural. E, ainda falando sobre narrativas, as questões que emergem nesse campo dizem respeito às ressignificações sobre identidades e questões afirmativas, como gênero, etnia e exclusão social, como serão possíveis perceber a partir dos dados e resultados obtidos a seguir. Ainda numa digressão metodológica, ressaltamos que durante a pesquisa, foram levantados aproximadamente setenta coletivos cujo recorte inicial, fora definido em três campos de atuação, quais sejam: social, cultural e diverso. Além da área de atuação, a matriz de levantamento considerou o ano de fundação, o nome do coletivo, a linguagem preferencial, o bairro de atuação predominante, a cidade da região metropolitana do Recife, os contatos, bem como o número de seguidores pelas redes sociais Facebook, como demonstrado a no quadro consolidado anexo. Abaixo, mapa mental dos conceitos explorados a partir dos dados, como será possível discorrer na sequência.

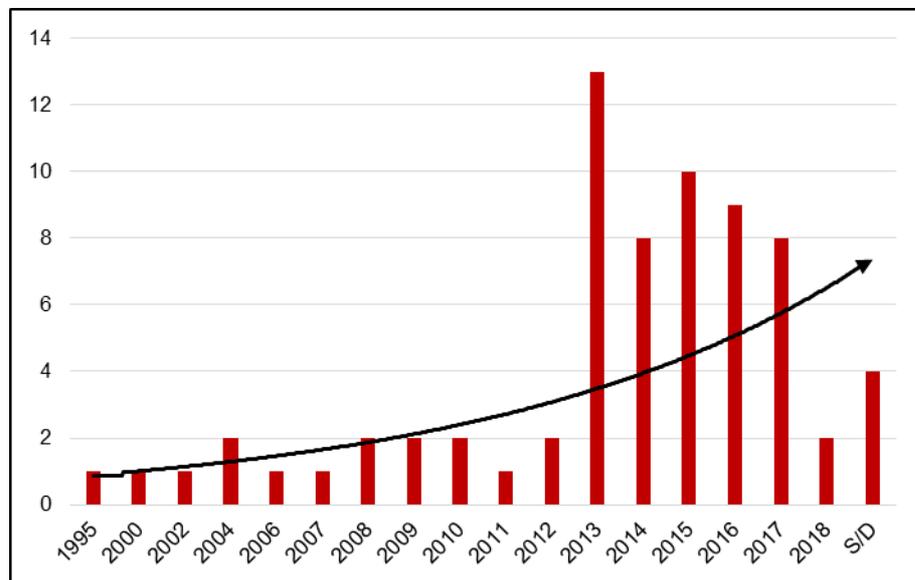
**Mapa Mental 3 - Coletivos Culturais.**



Fonte: Formatação do autor.

A consolidação dos dados nos permite definir alguns indicadores que devem contribuir para uma análise mais abrangente do recorte proposto pela presente pesquisa. Dessa forma, quando se observa, inicialmente, a evolução dos registros dos coletivos levantados a partir dos anos dois mil, percebemos que esse tipo de organização demonstra alguma estabilidade na primeira década do século, evidenciando-se um expressivo crescimento a partir do ano dois mil e treze. Tal fenômeno coincide com a alavancagem da rede social Facebook no Brasil<sup>12</sup> a partir de 2011, figurando como relevante ferramenta de difusão de coletivos culturais no país, como é possível observar no gráfico a seguir:

**Gráfico 1** - Coletivos Culturais no Recife 2000-2018.



Fonte: Célio Pontes, 2018.

Vale ressaltar, que os dados refletem uma tendência, não pretendendo dar conta da totalidade dos coletivos que, nesse período surgiram, tiveram algum tipo de atuação e desapareceram ou arrefeceram sua atuação. Dessa forma, o indicador de evolução da formação de coletivos culturais no período pesquisado revela, antes, o papel das novas tecnologias da informação no contexto de rápida propagação e arregimentação de seguidores.

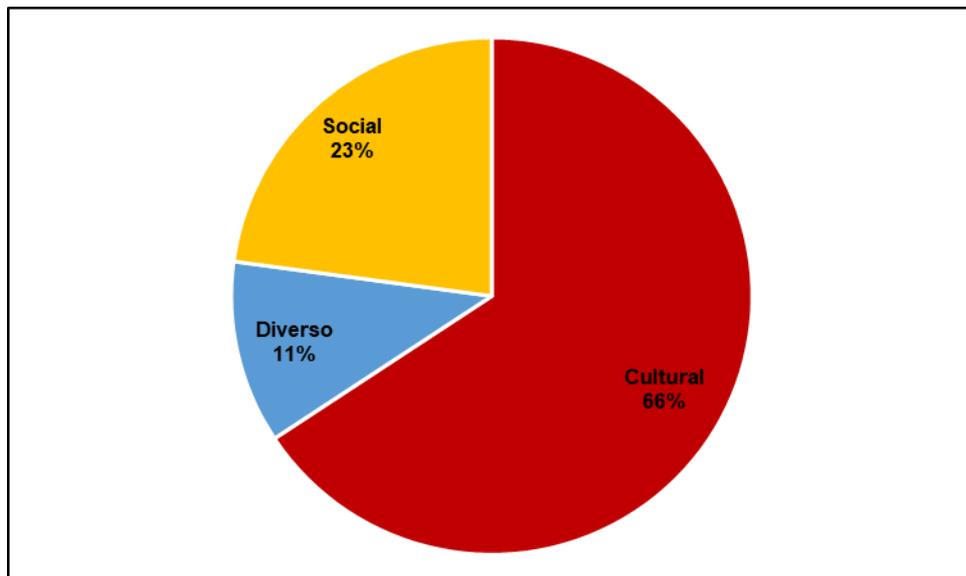
Nesse sentido, as redes sociais têm revelado expressivo papel nas dinâmicas de comunicação, difusão de ideias e programações propostas pelos coletivos, demonstrando o elevado surgimento de novos coletivos no período compreendido entre os anos de dois mil

<sup>12</sup> No início de 2012 o Facebook se tornou a maior rede social no Brasil e no restante da América Latina, ultrapassando o Orkut, Tumblr, Twitter. Durante o mês de dezembro de 2011, segundo dados da comScore divulgados em janeiro. Pesquisa da companhia mostrou que a rede fundada por Mark Zuckerberg atraiu 36,1 milhões de visitantes durante o período, superando os 34,4 milhões registrados pela rede social do Google. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook#D%C3%A9cada\\_de\\_2010](https://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook#D%C3%A9cada_de_2010))

treze e dois mil e dezessete, conferindo à plataforma eletrônica o status de um dos principais vetores de participação social. Desse modo, produz uma cartografia virtualizada de encontros, como uma das principais características das comunidades organizadas nos tempos atuais. Nessa linha, Maffesoli, afirma que “as redes que pontuam nossas megalópoles, retomam a função de ajuda mútua, de convivialidade, de comunidade, de sustentação profissional e, às vezes, até mesmo de ritos culturais que caracterizam o espírito da ‘gens’<sup>13</sup> romana. ” (MAFFESOLI, 1987)

Nesse sentido, confirma-se, a partir de outro indicador de análise de resultados, as formas de atuação predominantes, considerando as categorias de participação Social, Cultural e Diversa, como é possível visualizar no gráfico a seguir:

**Gráfico 2** - Formas de Atuação no Recife. Recife, 2018.



Fonte: Célio Pontes, 2018.

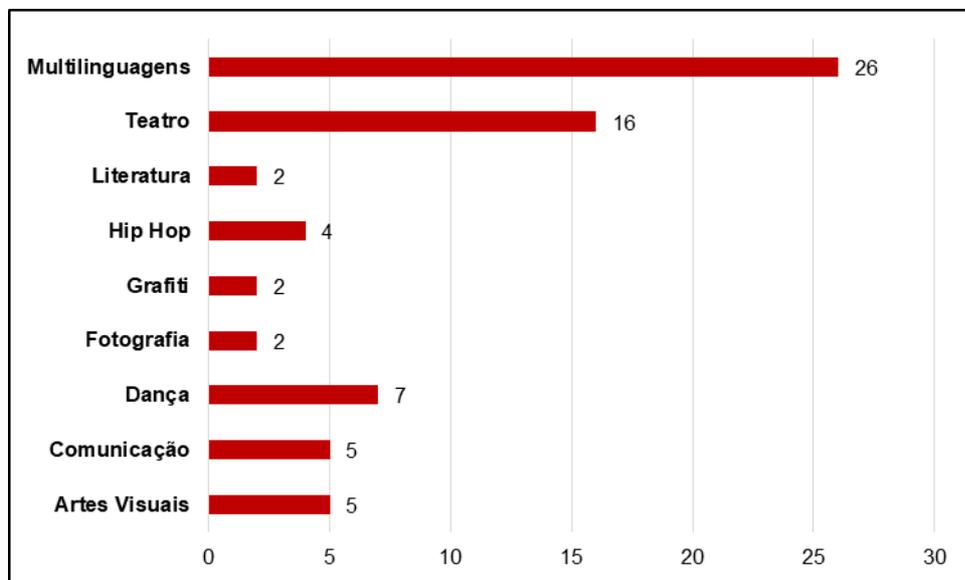
Como se vê, a Cultura como universo transversal às formas de atuação dos coletivos figura como uma função social estruturadora que possibilita dar sentidos à participação em movimentos organizados, ao contrário de certos aspectos do senso comum, quando confere à cultura um caráter mais ornamental. Nessa perspectiva, Canclini afirma que “A Cultura não é um suplemento decorativo, entretenimento dominical, atividade de ócio ou recreio espiritual para trabalhadores cansados, mas algo constitutivo das interações cotidianas, (...)”.

<sup>13</sup> Origina-se do substantivo latino *gēns*, *gēntis*, com o significado de raça, família, tribo, ou ainda o povo de um país, comarca ou cidade.

(CANCLINI, 20015). O autor entende que os movimentos comuns desenvolvem processos de significação que entrelaçam a cultura e a sociedade, o material e o simbólico.

E partindo do simbólico, foi possível identificar linguagens predominantes nas narrativas estético-políticas dos coletivos pesquisados. Inicialmente, se percebe expressiva escolha por narrativas múltiplas que envolvem a convivência integrada de linguagens diversas (37%). São coletivos que se expressam em multilinguagens, seja articulando questões e demandas sociais básicas com programações artísticas e formação estética. Noutro espectro, as artes cênicas figuram como linguagens predominantes, tendo o Teatro e a Dança como a linguagem de maior recorrência (22%), como mostrado no gráfico a seguir:

**Gráfico 3** - Linguagens Estéticas Coletivos Culturais no Recife. Recife, 2018.



Fonte: Célio Pontes, 2018.

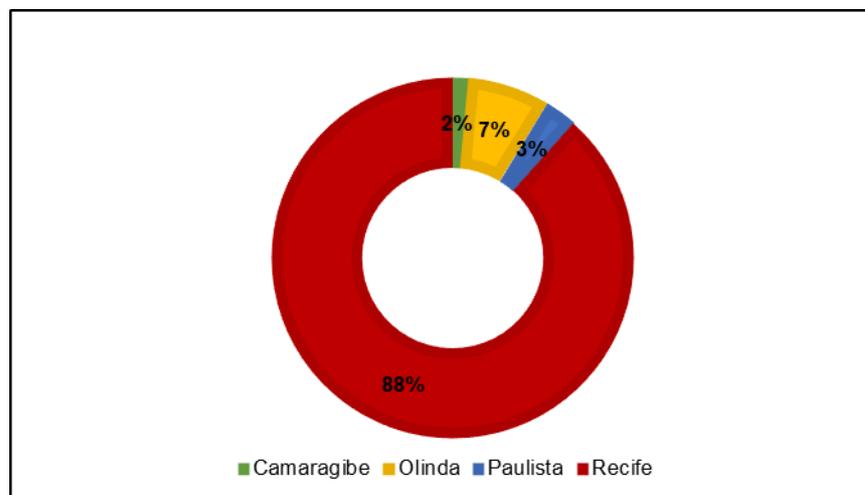
Sobre a relação que se estabelece entre o Teatro como ação coletiva, a Enciclopédia Itaú Cultural, define que “A prática coletiva do teatro não constitui em si uma modalidade, uma vez que essa arte tem como definição essencial a pluralidade: enquanto a pintura, a escultura, a literatura são artes solitárias, o teatro, ao contrário, além de ser criado por várias mãos (...),” (Itaú Cultural, 2018). Nesse sentido, o fenômeno performático só se concretiza como arte presencial, quando a plateia se reúne no mesmo lugar para desfrutá-la.

Um terceiro aspecto que chama a atenção é a emergência das linguagens hip-hop e grafito, se considerarmos ambas pertencentes a um agrupamento de expressões estéticas praticadas por extratos sociais mais periféricos, nos processos de legitimação artísticos. Entre

os anos de dois mil e treze e dois mil e quatorze surgiram muitos coletivos que dialogam com essas linguagens.

Por essa ótica é possível inferir o surgimento de uma cena mais descentralizada dos tradicionais meios de produção cultural. É possível que se assista agora ao surgimento de novos grupos e coletivos comprometidos com as demandas das comunidades nas quais estão inseridos, especialmente como atos de protesto e pulsão artística na periferia do Recife, que concentra a maior parte de coletivos na Região Metropolitana, como demonstrado no gráfico a seguir:

**Gráfico 4** - Distribuição Territorial Coletivos Culturais. Recife, 2018.

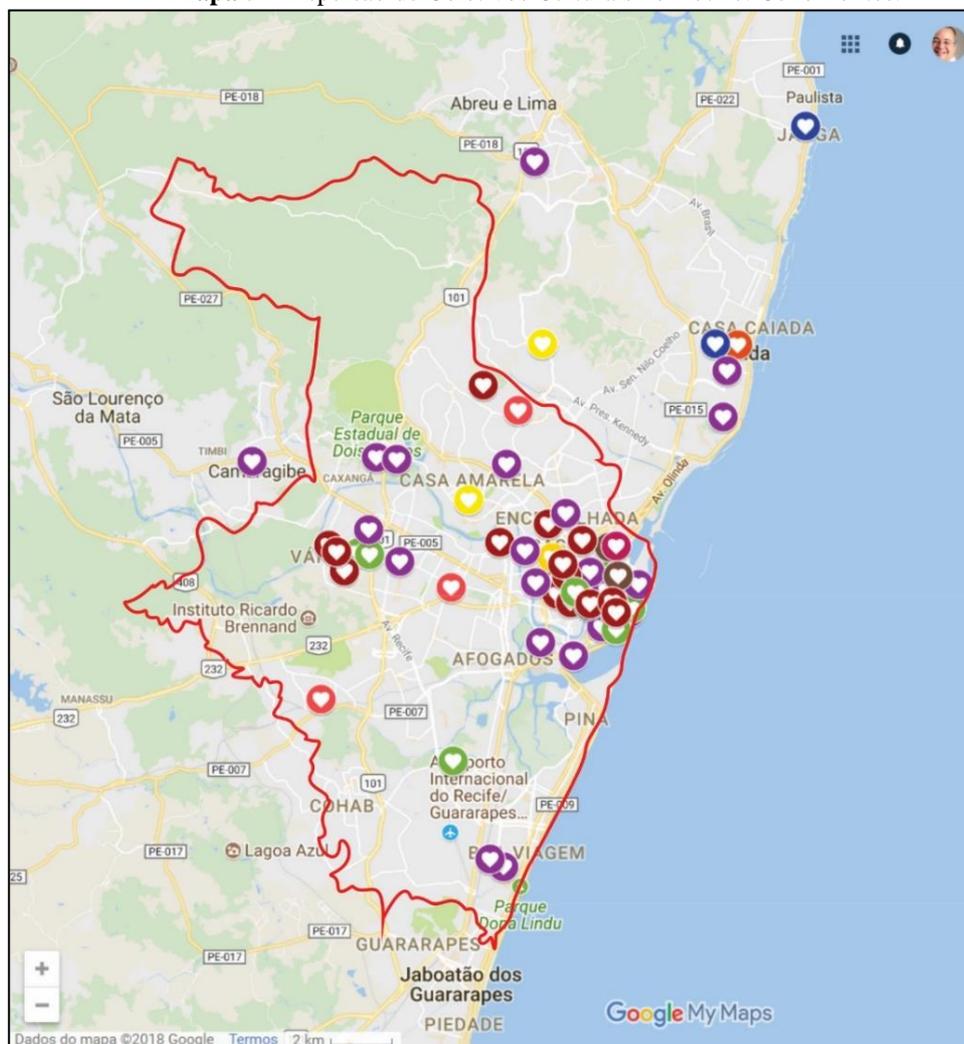


Fonte: Célio Pontes, 2018.

A dispersão territorial dos coletivos culturais, seja do ponto de vista de localização de espaços como pela área de abrangência das ações promovidas pelos coletivos, deixa evidente uma concentração que reflete as estruturas fortemente centralizadas dos espaços públicos de convivência, com maior predominância na região central da cidade. Portanto, se é na área central da cidade onde se encontram os principais espaços de circulação de ideias e da produção cultural, a atuação dos coletivos demonstra o interesse de ocupação e ressignificação desses espaços. Durante a construção da base de dados relativos à distribuição espacial dos coletivos no Recife, constatamos a imprecisão de alguns dados para definição de localização, pois muitos coletivos não se fixam em territórios específicos, outros circulam, outros se constituem a partir de suas ações em diferentes espaços. Portanto, é nesse sentido difuso que o indicador de territorialidade se apresenta. Como a captura de um instantâneo durante o processo de pesquisa, não pretendendo, portanto, servir como um mapa fixo, mas antes, como uma cartografia fluída, que se reconfigura constantemente.

**Tabela 1** - Linguagens Coletivos Culturais. Recife, 2018.

♥	LINGUAGENS (9)	OCORRÊNCIAS
■	Artes Visuais	5
■	Comunicação	5
■	Dança	7
■	Fotografia	2
■	Grafiti	2
■	Hip Hop	4
■	Literatura	2
■	Teatro	16
■	Multilinguagens	27
	<b>TOTAL</b>	<b>70</b>

**Mapa 5** - Dispersão de Coletivos Culturais no Recife. Célio Pontes.

Fonte: Google Maps. Recife, 2018.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> <https://www.google.com.br/maps/@-8.0312084,-34.9653201,12z/data=!3m1!4b1!4m2!6m1!1s16bjswXJn9TaL2ewSnFPLQmYHuu7HzuFC?hl=pt-BR&authuser=0>

Como exemplo, constatamos a eclosão dos movimentos “occupy”<sup>15</sup> que já vem ocorrendo como um fenômeno mundial. No Recife, o Movimento Ocupe Estelita bem representa essa onda de transformações simbólicas dos espaços da cidade. Como bem lembrou David Harvey, ao afirmar que essa dinâmica “mostra como o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado”. (HARVEY, et al., 2012).

Segundo artigo da pesquisadora Maria Eduarda da Mota Rocha (ROCHA, 2015), publicado no jornal El País, o Movimento Ocupe Estelita “foi o ponto de convergência de bandeiras muito diferentes”, pois reuniam ativistas com pautas diversas como gays, lésbicas, transexuais, adeptos da bicicleta, do vídeo militante, da vegana, de defensores de animais e da discriminação da maconha. Nesse sentido, as ocupações se consolidam como o lócus para uma vivência coletiva dos espaços públicos, constituindo-se como uma forma de educação para a vida, como também de conscientização para as elites. Nova práxis para velhas lutas de classes.

**Foto 5** - Movimento Ocupe Estelita. Jornal El País. Recife, 2015.



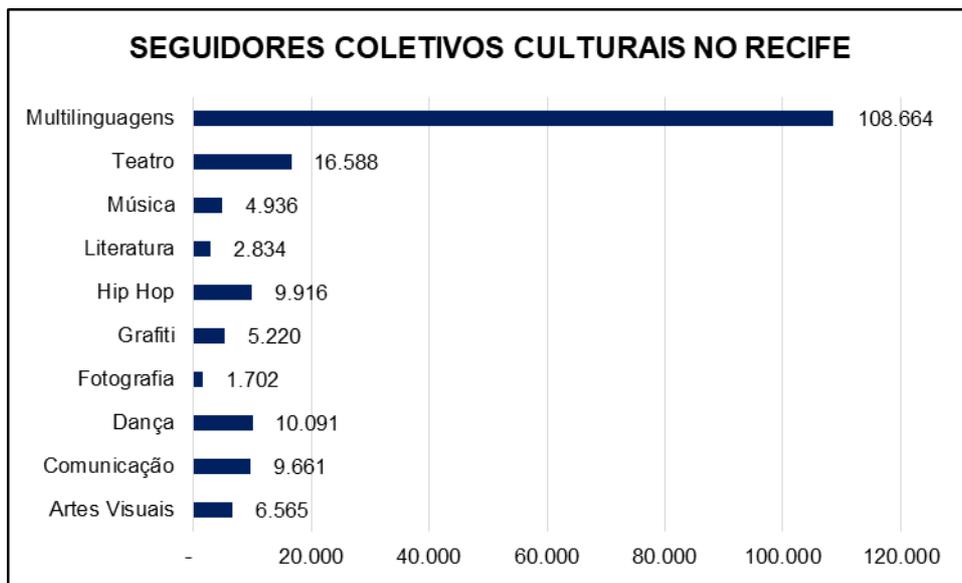
Fonte: Facebook.

Ainda em relação ao Movimento Ocupe Estelita, chama a atenção a capacidade de articulação e mobilização social. O coletivo responsável pelas diversas ações ocorridas na área do Cais José Estelita é o Direitos Urbanos, que conta com aproximadamente trinta mil membros em sua página de Facebook.

<sup>15</sup> A principal influência foi o Movimento Ocupe Wall Street. Um protesto contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas - sobretudo do setor financeiro - no governo dos Estados Unidos. Iniciado em 17 de setembro de 2011, no Zuccotti Park, no distrito financeiro de Manhattan, na cidade de Nova York, o movimento ainda continua, denunciando a impunidade dos responsáveis e beneficiários da crise financeira mundial. Posteriormente surgiram outros movimentos *Occupy* por todo o mundo. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy\\_Wall\\_Street](https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street)

A capacidade de arregimentação de seguidores é outro indicador relevante na análise dos resultados obtidos. Foram contabilizados os dados relativos ao número de seguidores em relação aos grupos de linguagens definidos no âmbito desta pesquisa. A consolidação das informações apresenta elevado índice de participação de seguidores nos coletivos e ações multilinguagens, indicando, igualmente, o trânsito de participantes em grupos diversos, como pode-se visualizar no próximo gráfico:

**Gráfico 5 - Seguidores Coletivos Culturais no Recife. Recife, 2018.**



Fonte: Célio Pontes, 2018.

Novamente, a questão da linguagem se reflete na capacidade de difusão dos coletivos e na conseqüente aderência de seguidores. Com exceção da categoria multilinguagens, as chamadas Artes Cênicas, que compreendem o Teatro e a Dança apresentam maior número de adeptos, totalizando mais de vinte e seis mil ocorrências. Por outro lado, os segmentos Hip Hop e Graffiti apontam para uma participação ativa desses ajuntamentos que se posicionam de forma mais contestatória aos padrões vigentes e inserindo as comunidades locais nesses contextos de falas e participação social.

Portanto, são coletivos que buscam uma participação social ativa nas diversas esferas que dialogam com questões identitárias visando se contrapor aos mecanismos de exclusão aos quais estão historicamente submetidos, como questões étnicas e de gênero. Nesse bojo, se destaca, igualmente a participação das mulheres nessas construções de laços reivindicatórios. Como evidência, o coletivo feminista de intervenção urbana “Deixa Ela em Paz”, apresenta o maior número de ocorrências no universo pesquisado, totalizando mais de vinte e oito mil

seguidores, que se engajam em campanhas, prestação de serviços de assistência, produção de informações e participação em eventos que visam sensibilizar a sociedade para os diversos tipos de violências praticadas contra as mulheres. Vamos sempre repetir: “Deixa ela em Paz”.

**Foto 6** - Marcha das Vadias. Coletivo “Deixa Ela em Paz”. Recife, 2015.

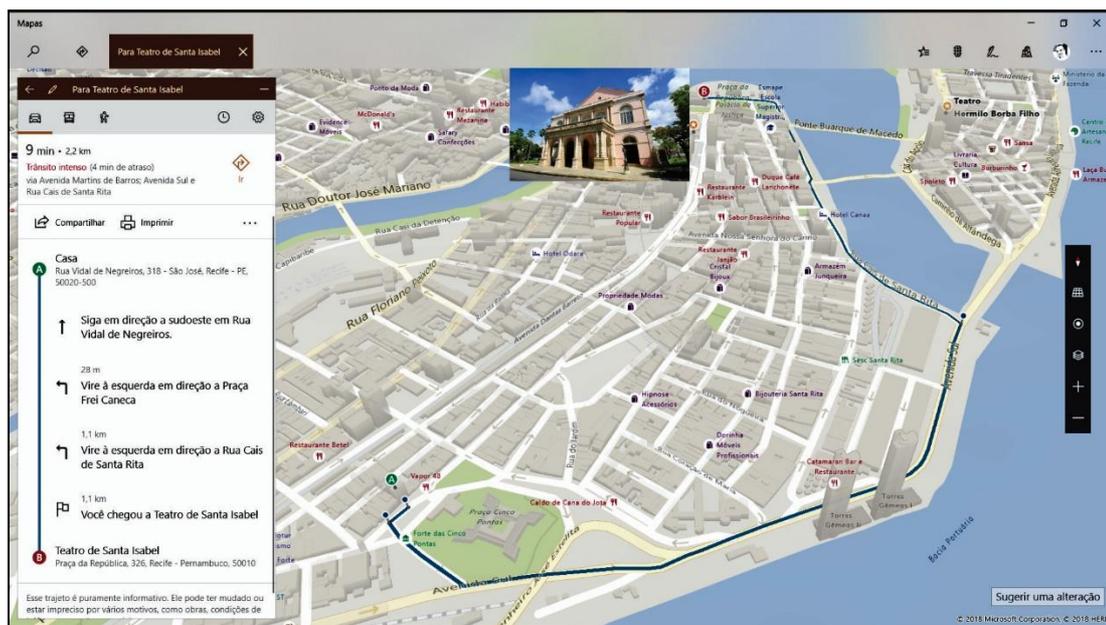


Fonte: Facebook.

### 3. AMIZADE E CONTESTAÇÃO

Historicamente, aqueles que decidem viver de sua arte são marcados por estigmas. Da ideia de vagabundagem à percepção de que não se trata, de fato, de uma profissão. Muitos são os preconceitos que ainda permanecem. Para se ter uma ideia, a profissão de artista só foi regulamentada em 24 de maio de 1978, através da Lei nº 6,533. Agora, no entanto, a conquista pode ser revogada: Tramita no Supremo Tribunal Federal o fim da obrigatoriedade do registro profissional de artista. Diante dessa perspectiva, a classe tem se unido e mobilizado em defesa da profissão. (Jornal do Comércio, 23/04/2018).

Mapa 6 -Perambulação “Ato Artístico”. Teatro de Santa Isabel. Recife, 2018



. Fonte: Mapas Microsoft.

Sentado numa raiz à sombra de um alaranjado flamboyant florido, nos jardins do teatro monumento da cidade, na companhia de alguns amigos de profissão, me deparava com uma pergunta aparentemente tão fácil, mas que revolveu um turbilhão de imagens mentais. Como numa viagem no tempo, muitas histórias de uma jornada profissional na arte, iam e vinham. Mas era preciso escolher. Uma, entre tantas histórias haveria de ser merecedora de registro para a campanha que se anunciava. Era necessário destacar um fato revelador da importância da profissão de Artista. A câmera estava pronta para o confronto. Esse era um daqueles

momentos na vida que não se podia errar. O olhar fraterno e sempre amigo do diretor do vídeo era a propulsão da qual necessitava. De pronto, pude dar o testemunho de um momento marcante, que culminou como uma das peças de divulgação do ato coletivo que se formava naquela ensolarada manhã de sábado.

Há muitos anos, estava com outros amigos de ofício, às portas de um complexo prisional. Éramos uma equipe de vinte e dois profissionais, entre artistas e técnicos. E, pela primeira vez, íamos nos apresentar para um público especial. Uma campanha de popularização do Teatro levava espetáculos para a população carcerária. A longa trajetória de sucesso da peça não impedia que algum sentimento de insegurança nos tomasse; mais pela possível recepção da obra do que pela situação de se apresentar dentro de um presídio. O que se viu depois foi uma lição de vida. A plateia atenta aos mínimos detalhes. Diversos momentos de regozijo e risos que nos uniam num enlevo catártico. Aquela farsa, clássico da dramaturgia no país, apresentava para aquelas almas penitentes, personagens engraçados, num misto de crítica social e divertimento<sup>16</sup>. Os tipos variavam entre arquétipos de padrões, figuras da igreja, espertalhões, bandidos, figuras fantásticas e santas. Ao contrário dos receios e expectativas preexistentes, o que se vivenciou, foram momentos de celebração coletiva que só o fazer teatral pode permitir.

Uma das melhores apresentações que fizemos. Mas o melhor daquele dia viria ao final da récita. Depois dos aplausos e agradecimentos fui abordado inusitadamente por muitos homens que cumpriam pena ali. Seus gestos de admiração pelo “Cangaceiro” da trama, personagem que representava, me surpreenderam. Percebi que aqueles seres humanos encarcerados nutriam especial identificação, num misto de curiosidade e entusiasmo. Ao tempo em fui inundado por perguntas sobre a construção do personagem, pude perceber olhares renovados de esperança. Naquele instante tive a certeza de que estava na profissão certa...

O sorriso generoso do amigo diretor confirmou o êxito da mensagem que buscava para a série de vídeos curtos<sup>17</sup> que estava produzindo. Outros colegas amigos de profissão aguardavam sua vez para contribuir com depoimentos. Uma fila formava-se na calçada do teatro. A sessão de gravação nos jardins do teatro era a última ação da pauta de reunião com a categoria, que acontecera minutos antes no saguão principal.

---

<sup>16</sup> A segunda montagem, no Recife, do espetáculo “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna com Direção de Marco Camarotti, ficou 21 anos em cartaz, tendo se apresentado em vários espaços locais e nacionais.

<sup>17</sup> Série de vídeos Histórias nas Coxias de Luís Felipe Botelho para a campanha contra a extinção da regulamentação da profissão do Artista. [https://www.youtube.com/watch?v=\\_3d1IM6KSI8](https://www.youtube.com/watch?v=_3d1IM6KSI8)

Dias antes, alguns artistas, espontaneamente, mobilizaram o chamamento para o encontro que discutiria possíveis ações e articulações contra uma ação judicial publicada cinco anos antes, que tramitava na corte suprema sobre a profissionalização de artistas. Tratava-se de uma Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 293, pleiteada pela Procuradoria Geral da República (PGR) e colocada em pauta pela então ministra chefe. Segundo o sítio eletrônico Cultura e Mercado, “a ADPF questiona a obrigatoriedade de diploma ou de certificado de capacitação para registro profissional no Ministério do Trabalho como condição para o exercício das profissões de artista e técnico em espetáculos de diversões.”

Ao me aproximar do local marcado para a reunião, já era possível ouvir discursos, pois havia uma caixa de som portátil. Um expressivo grupo de artistas já ocupava a entrada principal do teatro monumento. Aos poucos, rostos conhecidos pareciam ter saídos de muitas memórias. Alguns bem próximos e familiares. Outros já não vistos há alguns anos. Impossível não sentir o fenômeno social da amizade como poderoso amálgama. O clima de reencontros era uma misto de celebração e protesto. Naquela manhã se lançavam as sementes do mais recente movimento de coletivo cultural na cidade, cuja cartografia de afetos tinha como gênese a virtualidade, como universo de batalha. O coletivo que nascia ali, permanece funcionando, efetivamente, sem um endereço fixo, sem um local marcado para encontros, mas sobretudo, a partir de uma plataforma de comunicação instantânea de aplicativo móvel<sup>18</sup>.

O encontro seguia sem uma ordem aparentemente pré-definida, os participantes se revezavam ao microfone, muitos enfatizando a necessidade de uma retomada de algo que já foi potente no passado, quando a classe artística se reunia com mais frequência para discutir política cultural. Mas era preciso agir rápido e mobilizar mais profissionais, especialmente os mais jovens. Estávamos há poucos dias de um seminário que aconteceria na capital federal, promovido por uma deputada comunista da terra. A proposta da parlamentar era tentar contribuir como o debate nacional a partir da escuta da classe artística, visando instrumentalizar e, por consequência, demover a corte superior de dar prosseguimento à ação que poderia trazer consequências danosas e retrocessos na conquista histórica de direitos conquistados pela classe artística no país<sup>19</sup>.

---

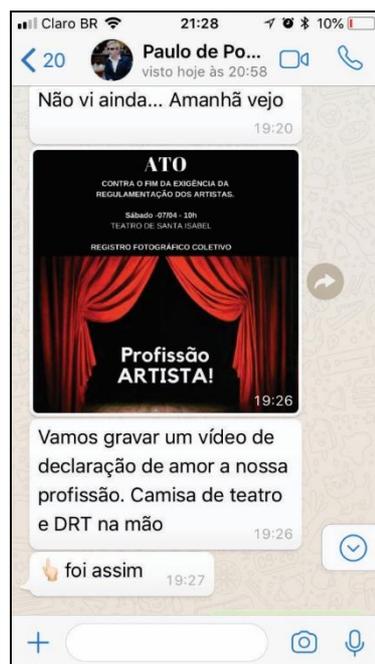
<sup>18</sup> O funcionamento do Coletivo Ato Artístico é realizado basicamente por WhatsApp.

<sup>19</sup> A Lei 6533 de 24 de maio de 1978, também conhecida como Lei do Artista, que define e regulamenta o exercício profissional de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões, foi o resultado da conquista de várias gerações de artistas que, em plena ditadura militar, têm reconhecidos vários direitos, como definição de atividades, piso salarial, aposentadoria, dissídio coletivo, entre outros.

Antes mesmo de nascer, o ato já conquistara o apoio de diversos setores da sociedade. Além da deputada comunista, representantes do conselho estadual de cultura se fizeram presentes, além de outros coletivos e articulações em atos similares país afora. Era o início de uma rede nacional de artistas.

Já próximo ao meio dia e, ainda chegando mais pessoas, a reunião se encaminha para o final. A resistência estava formada. A partir dali era urgente a necessidade de formação de uma comissão para representação da classe no seminário nacional. Enquanto uma liderança coordenava os encaminhamentos, outros participantes agiam no paralelo. Enquanto isso, uma jovem deslocava-se por entre os presentes abordando a todos que, simpaticamente, anotava num “smart phone” os contatos. Outra integrante tentava organizar uma fila para depoimentos, seriam os vídeos de declaração de amor à profissão, sendo essa, uma das motivações do encontro. À essa altura, o amigo videasta já posicionado nos jardins à sombra do flamboyant, fazia os últimos ajustes na câmera. Já me encontrava num dos primeiros grupos de gravação. Tudo pronto. Tudo preparado. Caminhando para a locação escolhida, toca uma mensagem no celular. Já sentado na raiz da árvore, uma sineta toca, checo a mensagem no celular. Acabara de ser inserido no grupo virtual de comunicação instantânea “Coletivo Ato Artístico”, criado naquele instante. O generoso sorriso do amigo videasta indica que era a hora de começar gravação: “Ação!”.

**Ilustração 5** - Convocatória Coletivo Ato Artístico. Recife, abril de 2018.



Fonte: Whatsapp.

A experiência de estar inserido, de fato, num coletivo, de certa forma potencializou à consecução da presente pesquisa, mesmo que de forma virtual, mas com notáveis consequências no mundo concreto. Para além de uma observação participante, tal experiência, bem próxima de uma pesquisa ação, possibilitou uma prática imersiva e sensorial ativa dos conteúdos coletados. A capacidade de interação objetiva naquela realidade permitiu o agenciamento de análises multidimensionais, configurando atributos tão caros à uma reflexão etnológica comparativa, a partir de registros inovadores como o aplicativo de comunicação instantânea WhatsApp. Nesse sentido, vale registrar que, do ponto de vista metodológico, para o exercício analítico em curso, foram decupados todos os registros no período compreendido entre abril e agosto de 2018. Portanto, o grupo de WhatsApp “Coletivo Artístico” compreende os registros de 33 participantes, com idades, formação e atuação diversa no campo cultural.

A perambulação que testemunha a criação e funcionamento do Coletivo Ato Artístico apresenta, de forma essencial, os processos gregários decorrentes da relação amizade e contestação, pois sintetiza um “modus operandi” muito comum na maioria dos coletivos pesquisados, como é possível perceber em algumas das falas selecionadas<sup>20</sup> no grupo de WhatsApp a seguir:

[18/04/2018 12:44:48] H. T.: (...) Mas que lindo que todos nós estamos envolvidos. E esse é um grande exercício pela democracia. (...) Esse exercício democrático no grupo está nos fortalecendo para outras ações em prol na nossa categoria. Evoé!

[18/04/2018 14:33:24] M. C.: Fico agradecido e me sinto orgulhoso de representar nessa audiência pública atores e atrizes, companheiros e companheiras de labutar no palco (...)

[19/04/2018 09:41:22] P. P: Como podemos ver, depois da leitura, há um longo caminho de discussão e alinhamento de lutas .... Precisamos esclarecer dúvidas muitas... E mantermos fortes nas conquistas passadas e futuras sem ferir ou engessar ninguém. Acordei sensível hj... BOM DIA!

[19/04/2018 10:09:18] H. T.: Isso amigo! Dia a dia estamos voltando a pensar JUNTOS estratégias de ação que garanta não só os direitos conquistados bem como os avanços necessários, praticamente urgentes, que precisamos alcançar para a efetivação dos direitos trabalhistas de um artista, da nossa categoria. Sigamos na compreensão que devemos seguir "um dia de cada vez, um sol para cada dia". Abastecidos de energia e da magia do ser artista que tem "idioma próprio - o

---

<sup>20</sup> A identificação dos participantes será representada com as iniciais. Os arquivos originais da transcrição estão disponíveis em CD ROM anexo.

mundo". Somos a geração que tem a responsabilidade do HOJE. Então façamos! Vamos nos unir cada vez mais para fazer a nossa voz ecoar e conquistar alcançar! Avante na luta!

[19/04/2018 11:03:34] P. P.: Bem vindo D. ... Esse grupo foi criado a partir do ato em prol dos artistas profissionais... Ato realizado no teatro Sta Isabel há duas semanas atrás. Onde discutimos a respeito da regularização da profissão... E produzimos vídeos da causa... Só pra vc ficar a par, estamos juntos ainda na garra com apoio da Dep. L. e dia 25 irão a Brasília nossos representantes (...) para unir forças e garantir nossos direitos de ARTISTA PROFISSIONAL... aqui é um espaço de troca é conquista. Avante!

Como é possível perceber, o universo dos coletivos, aqui representados pelos registros do “Coletivo Ato Artístico”, apresenta-se como espaços potentes de representações simbólicas que o campo cultural pode proporcionar, numa perspectiva de formação crítica. São, portanto, o lócus privilegiado de pessoas que expressam, por um lado, linguagens em narrativas afetivas e artísticas e, de outra forma, manifestam-se politicamente como forma de protesto e exercício de alteridade, tolerância, diversidade e fortemente sedimentados nos princípios de amizade.

Como condição humana, a Amizade é material de reflexão fartamente referenciado na História da Humanidade, seja através de registros mitológicos, literários e artísticos, como também na busca por significados conceituais a partir de diversos campos do conhecimento científico. No dicionário de Etimologia, o termo remete ao Latim “amicitia”, no entanto, teria se originado a partir do termo “amicus”, que significa “amigo”. Alguns etimologistas acreditam que a raiz desta palavra tenha se desenvolvido a partir do verbo latino amare, que expressa, atualmente, o sentido de “amor” ou “amar”.<sup>21</sup> Desde a sociedade greco romana cujas origens remontam a uma prática da pederastia, como sendo uma amizade íntima, até às modernas acepções, cujo ideal de relações entre iguais, no sentido de uma comunidade de espíritos, até a compreensão mais contemporânea como sendo o encontro sucessivo entre indivíduos sem relações de cunho afetivo-sexuais.

Seja como for, o termo parece remeter a uma necessidade de sobrevivência da espécie, onde tais interesses demonstram um senso comum de cooperação mútua, de coletividade. Tal instinto, marcadamente vivo no imaginário humano, encontra, ao longo dos variados registros

---

<sup>21</sup> <https://www.dicionarioetimologico.com.br/amizade/>

religiosos e da cultura popular, a manifesta relevância com vistas a uma necessidade de complementaridade, inerente à condição humana.<sup>22</sup>

Nesse bojo, a despeito dos variados sentidos que a palavra amizade pode assumir, o Dicionário Houaiss define o verbete como: “1. sentimento de grande afeição, de simpatia (por alguém não necessariamente unido por parentesco ou relacionamento sexual); 2 reciprocidade de afeto;”.

No livro “Ética à Nicômaco”, Aristóteles desenvolveu um tratado sobre as virtudes humanas, com especial destaque para a amizade. Para o filósofo, tais virtudes se refletem no esforço de equilíbrio entre os vícios e a falta de excesso, sendo a amizade o meio necessário para se alcançar a felicidade. Considera a amizade como virtude superior à justiça, pois a justiça se destina à mediação de conflitos em relação aos desconhecidos, uma vez que entre amigos não se torna necessária. Tem ainda a capacidade de manter cidades unidas, assegurando unanimidades, pois “A Amizade não é apenas necessária, mas também nobre, pois louvamos os homens que amam os amigos e considera-se que uma das coisas mais nobres é ter muitos amigos. Ademais pensamos que a bondade e a amizade encontram-se na mesma pessoa”. (ARISTÓTELES, 1991).

Já para o sociólogo italiano Francesco Alberoni, a amizade se dá através de saltos, com início em atos descontínuos, em encontros inesperados e reveladores. Sempre em movimento. Numa visão carregada de afetos, o pesquisador nos remete a um entendimento de relações interpessoais desprovidas de interesses e como uma necessidade vital de completudes, com base no que chama de experiência do encontro. O autor diz ainda que “O amigo fica sendo, no fundo, o companheiro de caça e de guerra, aquele que está ao nosso lado na atividade de exploração e de conquista do mundo. O amigo não é aquele que nos dá, que nos nutre, que nos acolhe. O amigo não é nossa fonte de subsistência, não é nosso benfeitor. É antes o nosso cúmplice, aquele que nos ajuda a caminhar.” (ALBERONI, 1990).

Para além do sentido literal, filosófico ou mais afetivo, é também interesse desta pesquisa compreender a amizade como fenômeno social que contribui para a formação de

---

<sup>22</sup> Na Epopeia de Gilgamesh, se relata a amizade entre Gilgamesh e Enkidu. Os greco-romanos tinham, entre outros vários exemplos, a amizade entre Orestes e Píladés. Na Bíblia, cita-se, no livro 1 de Samuel, a amizade entre Davi (que depois se tornaria rei em Israel) e Jônatas (filho do Rei Saul). Os evangelhos canônicos falam a respeito de uma declaração de Jesus, "Nenhum amor pode ser maior que este, o de sacrificar a própria vida por seus amigos." Salomão escreveu a sabedoria da amizade em seus Provérbios: "Em todo o tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão". Na literatura, no cinema e na televisão: Dom Quixote e Sancho Pança, Sherlock Holmes e Watson, os Três Mosqueteiros, *O gordo e o magro*, *Os três patetas*, a série *Friends*, entre outros. (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Amizade>)

coletivos culturais. Nesse sentido, nos interessa a percepção de um olhar para uma dimensão coletiva que resiste à normalização, como afirma Francisco Ortega, autor que aborda a questão da amizade como objeto de investigação filosófica e política, quando defende uma dimensão “ético transgressiva” da amizade como forma refratária às formas impostas de relacionamento e subjetividade.

O autor refere-se às proposições foucaultianas que permitem contemplar indivíduos e coletividades numa dimensão política que incorpora subjetividades, definindo escolhas éticas para a própria existência. Para Foucault a amizade como modo de vida, possui expressiva relevância, quando afirma que “Não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, às diferenças de profissão, de níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e que seria o "modo de vida"?” (FOUCAULT, 2004). Sendo assim, caracteriza-se como um modo de vida que pode ser partilhado por diferentes indivíduos com idades, estatutos e atuação social diferenciada. Tal assertiva parece dar lugar ao que o autor chama de “relações intensas”, bem diferentes das relações comumente institucionalizadas. Um modo de vida que pode dar lugar a uma cultura e uma ética.

A amizade como estética da existência é tratada por Foucault como ponto de partida e de uma teoria inacabada em função de sua morte em 1984. De outro modo, a questão permanece aberta e em contínuo processo de reconstrução. Dessa forma, Foucault aponta para relações cujos espaços de trocas humanas que estão em contínuo processo e criação e recriação de forma gradual. Em movimentos com diferentes abordagens e sutilezas. Sua visão de amizade parte de seus estudos sobre homossexualidade, exatamente por não ser uma relação normativa, necessita ser constantemente reinventada.

De todo modo, a amizade como modo de vida partilhado reforça a correlação entre política e contestação de modelos existentes, possibilitando a gênese de uma ética que transborda os limites individuais em novas formas de organização social. Para Francisco Ortega a amizade “representa um ‘exercício do político’, um apelo a experimentar formas de sociabilidade e comunidade, a procurar alternativas às formas tradicionais de relacionamento” (ORTEGA, 2002). Portanto, o fenômeno social da amizade nos remete a ideia de pluralidade, experimentação, exercício da liberdade e ressignificação de espaços.

Tradicionais espaços de exercício político foram, de fato, ressignificados. Dessa forma, o que se viu na sequência do “Coletivo Ato Artístico”, mobilização iniciada de forma espontânea por um grupo de amigos artistas, logrou desejado êxito. Após a pressão de

ativistas de todo o país, a Ministra responsável pela tramitação da ação no tribunal superior reconsiderou a questão, segundo o diálogo entre alguns integrantes:

[20/04/2018 22:07:09] P. P.: (...) A ADPF 293 saiu da pauta do STF. Mas continuamos na ativa. Esse fato suscitou inúmeras questões a respeito da profissão.... Foi o estopim para reavaliarmos nosso ofício e nos fez iniciar um novo e possível caminho para alinharmos relações entre artista e seus direitos... Entre artistas e o poder público... Entre artista e cidadão... Entre artista e artista... Entre artista e leis... Entre artista e sindicato... Entre artista e públicos.... Avante!

[20/04/2018 22:33:42] M. C.: Creio que estamos no caminho certo. Há tempos que sonho com essas nossas forças unidas. Tive tempo pra saber esperar. Sei que o passo é esse. Enquanto categoria que já trouxe e traz e faz através da nossa arte, chega o momento de exigir. E temos prerrogativas pra isso: o nosso trabalho incansável e, graças, ainda cheio de paixão e, o que é melhor, com a responsabilidade social e de assumir que somos Trans-Forma-Dores. (...)

**Foto 7** - Formação do Coletivo Ato Artístico. Teatro de Santa Isabel. Recife, 04/04/ 2018.



Fonte: WhatsApp

Mesmo após a consecução do objetivo primordial, qual seja o adiamento da discussão sobre a ADPF 293, que culminou com a formação do “Coletivo Ato Artístico”, o grupo se fortaleceu e passou a atuar na vigilância da política cultural no Estado, nos debates sobre questões como censura e liberdade artística. A partir da conquista inicial, toma relevo a necessidade de auto-organização política com vistas à construção de um ideário que se contraponha ao status quo das relações assimétricas que, historicamente, buscavam na classe artística uma práxis utilitarista com finalidades pouco republicanas, como fica evidente na fala de um dos integrantes do coletivo:

[09/05/2018 14:13:01] P. P.: Não é uma questão de paranoia. Isso é uma estratégia básica de dominação dos povos, (...). Mongóis, Gregos, Romanos, e povos mais antigos, sempre que dominavam outros povos ou oprimiam ou incorporavam suas culturas. Nossas últimas gerações, pós Semana de Arte Moderna, foram sendo incorporadas ou censuradas pelos governos impopulares e corruptos que tivemos. Mais próximo ainda dá nossa geração tivemos a Ditadura Militar com a censura escancarada de conteúdos e o AI5. Após a "democratização" tivemos o Collor acabando com o cinema e financiando o fim da já minguada cota de tela para filmes brasileiros. As leis de incentivo, que pelo menos nos ajudam um pouco, são gerenciadas por departamentos de marketing de grandes empresas, que nem sempre ou quase nunca, se interessam por promover a aculturação, mas sim seus produtos, com isso autores importantes e grupos de desenvolvimento de linguagem estão minguando. Com esse governo entreguista de valores brasileiros, a primeira coisa realizada foi acabar com verbas de pesquisa para o CNPQ, por 20 anos, ou seja, uma geração de pesquisa científica. Agora mesmo entregam nossos direitos trabalhistas. Em 20/30 anos estaremos trabalhando para multinacionais, sem nenhum direito trabalhista. Com a cultura, primeira coisa foi tentar acabar com o MinC. E isso vai continuar. Essa é a forma de dominação e repressão. Calar a cultura. Uma pessoa que lê livros, vai ao teatro, assiste bons filmes (já perceberam o monte de comédias lixo que são bancadas por grandes estúdios?). A pessoa que tem esse acesso à cultura, não aceita a metade do que está acontecendo. Não, não é paranoia. Eles têm que calar os agentes culturais, nós... ou as Capitânias Hereditárias não conseguirão se perpetuar.

Nessa linha, é possível perceber que processos de mudança nas interlocuções entre integrantes de novos arranjos coletivos e o poder institucionalizado, a partir de agremiações político partidárias que, como um lobo sempre à espreita de rebanhos de incautos, buscam usurpar prerrogativas de movimentos sociais com vestes de Estado, cujo único objetivo é a manutenção de poderes constituídos.

Noutra fala do integrante P. P., tal correlação de poder fica explícita. O contexto é o interesse de políticos na atuação do coletivo, como forma de cooptação a partir da troca de favores, consagrando antigas práticas de neutralização de movimentos sociais dessa natureza, como é possível identificar no trecho destacado a seguir:

[20/04/2018 22:22:36] P. P.: Gente... Não precisamos pedir nada em nome de partidos ou em nome de a ou b... Não estamos atuando partidariamente... Se no Brasil as coisas funcionam pq fulano é de partido x e amigo de partido y, não precisamos de favores assim... Esse grupo é de ações de uma categoria de artistas que querem que seus direitos sejam respeitados... Isso ultrapassa lados e vieses partidários... Se pessoas ligadas a partidos quiserem juntar-se a nós para gritar conosco... É conosco que estarão... Entendem? Sejam bem-vindos.... Vamos encontrar um espaço que seja cedido pela causa e não pelo favor... Avante na causa... A causa É DE TODOS!

O desabafo do integrante confirma uma das principais características na formação de coletivos culturais na atualidade. Como já dissertado anteriormente, fica evidente a necessidade de negação e renovação de movimentos sociais mais organizados ou institucionalizados, categoria social tão marcadamente presente a partir da segunda metade do século vinte. O texto revela a decrepitude de tais modelos de organização. Portanto, já não servem mais aos novos paradigmas que parecem refundar socialidades neste início de século vinte e um, muito embora, movimentos de contestação sobre existam, agora, sob novas bases de participação social. Fica claro, portanto, a necessidade de criação de estruturas horizontalizadas de participação, o que se estabeleceu como uma política da representatividade, começa a ruir. Cada vez mais se assiste à emergência de participações diretas nas instâncias decisivas de poder, como novas estratégias de contestação, como é possível perceber na carta repúdio do “Coletivo Ato Artístico” a seguir:

#### **PERNAMBUCO REPUDIA A EXTINÇÃO DA PROFISSÃO DE ARTISTA**

As profissões em geral são compostas por direitos e deveres do trabalhador e do empregador, com normas regulamentadoras no Ministério do Trabalho, normalmente regidas por uma legislação específica, sendo, portanto classificadas como profissões regulamentadas. Isso significa a garantia de acesso a benefícios aos profissionais que a exercem: Carteira Profissional, piso salarial, jornada de trabalho, Licença maternidade/paternidade, adicionais, auxílio doença, órgão regulador ao qual se vinculada e aposentadoria.

No Brasil temos mais de setenta profissões regulamentadas, dentre elas a **Lei 6.533/78**, conforme **Decreto 82.385/78** - “**Artista e Técnico em Espetáculos de Diversão**” que há quarenta anos em vigor, trouxe segurança jurídica para o exercício da profissão, dando dignidade aos artistas e técnicos em todo o país, o que foi conseguido no bojo de muita luta, mobilização, articulação e engajamento da classe em busca de reconhecimento e valorização.

Causa perplexidade e espanto que estejamos na iminência de perder o que há de mais caro aos artistas: a garantia do livre exercício da profissão, com formação, certificação e direitos e deveres assegurados. Sua **desregulamentação** significa um retrocesso de quatro décadas, quando deveríamos estar discutindo avanços e não sua extinção.

Ao argumentar que o exercício da profissão de artista se trata de livre manifestação artística, o STF procura mascarar o verdadeiro pano de fundo do embate: Ataque aos

direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, Jornada de trabalho intermitente, enfraquecimento das organizações da sociedade civil, flexibilização da CLT, precarização do trabalho, dificuldade para obtenção de aposentadoria, dentre outras perdas e retrocessos.

Obviamente que não se pretende, ao se posicionar contra a ação ADPF 293 da Procuradoria Geral da República, contrapor a livre expressão e manifestação artística, conforme prevê a Constituição Federal. O que se pretende é diferenciar o exercício da atividade de **artista e técnico em espetáculos de diversão** como profissão mantenedora do sustento de milhares de famílias de artistas em todo o Brasil, diferentemente da manifestação artística pontual e extemporânea por hobby ou diletantismo.

Artistas e Técnicos pernambucanos, Pontos de Cultura, Entidades da Sociedade Civil (ARTEPE, SATED/PE, FETEAPE e APACEPE), juntam suas vozes em uníssono com artistas e técnicos e demais entidades de todo o Brasil com o objetivo de dizer NÃO a ADPF 293, reafirmando a necessidade de manter e consolidar a **Lei n.º 6.533/78**. Recife (PE) 21 de abril de 2018.

Entre outras questões, o documento figura como um alerta para os graves desmontes de direitos conquistados historicamente a partir da luta e organização dos movimentos sociais. Nesse acaso, aponta para uma mobilização da década de setenta que culminou com a regulamentação da profissão de artistas e técnicos em espetáculos de diversos no país. Num período de exceção no país, que guarda expressiva influência com movimentos de contestação a partir da segunda metade do século vinte, com culminância nos anos sessenta e desdobramentos nos anos setenta.

Tais movimentos culturais de contestação sempre protagonizaram períodos emblemáticos na história, e assumiram diferentes matizes e plataformas, especialmente após a segunda guerra mundial, onde muitos autores consideram como marco inicial, o existencialismo em ascensão a partir dos anos quarenta. Desde os movimentos de Contracultura nos anos sessenta, com os hippies, a radicalização dos movimentos estudantis na França, entre tantas outras vozes punks nos anos setenta e, posteriormente, cyber e ambientais das quais ainda influenciam e impactam o modo de vida pós contemporâneo.

Nessa perspectiva, o antropólogo e sociólogo Carlos Alberto Messeder Pereira, no seu livro “O que é Contracultura”, argumenta que, muito embora seja um movimento datado, guarda, por outro lado, um legado que faz emergir, de tempos em tempos um papel expressivamente revigorador da crítica social, pois de outro modo, “o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às forças mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante.” (PEREIRA, 1986).

Para o autor, trata-se de um tipo de crítica anárquica, em oposição a determinadas situações, nas quais o modo de contestação “rompe com as regras do jogo”. Dessa forma, em tal “espírito contestatório” é possível identificar, de forma geral, na atuação de coletivos culturais na atualidade, especialmente no crescente surgimento de mobilizações a partir do ano dois mil e treze no Recife, possibilitando a visualização de uma cartografia de desejos e mudanças potencialmente transformadoras.

É importante lembrar que mobilizações por desejos de mudanças sempre existiram numa perspectiva histórica, pois dialogam com aspectos inerentes ao comportamento social da humanidade. São, portanto, experiências recriadas cotidianamente ao longo dos tempos, quase sempre a partir de circunstâncias adversas, cuja memória evocada legitimam as contestações coletivas na atualidade.

Para a cientista política Maria da Glória Gohn tais movimentos “representam forças sociais organizadas, aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais.” (GOHN, 2011). Portanto, a autora define como movimentos sociais as ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de organização e expressão da população em relação às suas demandas. Como é possível observar nos coletivos culturais pesquisados, essas formas de atuação assumem diferentes estratégias, desde denúncias até mobilizações, passeatas, atos de desobediência civil, entre outras.

Sobre a produção teórica em relação aos movimentos sociais, a autora pontua que apesar do intenso quadro de mobilização a partir do fim dos anos setenta, o debate e a reflexão teórica caminhou lentamente até o início deste novo século. Destaca nesse período o livro de S. Tarrow (1994) como um dos marcos no debate teórico. Cita, igualmente, Alain Touraine, M. Castells, que influenciou vários estudos nos anos setenta e oitenta, nos quais pautou a análise dos movimentos sociais com novos olhares sobre urbanidades e suas relações com sociedades em redes. Esse aspecto se destaca na sociedade atual, pois os principais movimentos sociais de contestação utilizam a rede mundial de computadores como plataforma de atuação, especialmente por meio de redes sociais locais, regionais, nacionais, internacionais e transnacionais.

Segundo Castells as redes de tecnologias digitais assumem uma centralidade que caracteriza a sociedade contemporânea. São ao mesmo tempo flexíveis e adaptáveis graças à sua capacidade de descentralizar sua performance ao longo de uma rede de componentes autônomos. Dessa forma, ao relacionar o papel das novas tecnologias de comunicação e

participação social, o autor afirma que “uma política inovadora, mas pragmática, terá de encontrar o meio caminho entre o que é social e politicamente exequível, em cada contexto, e a promoção das condições culturais e organizacionais para a criatividade na qual a inovação, o poder, a riqueza e a cultura se alicerçam, na sociedade em rede.” (CASTELLS, 2005).

Pelo exposto, os coletivos observados na presente pesquisa apontam a centralidade das tecnologias de comunicação em rede, apontada por Castells como uma das principais características dos novos processos de sociabilidade que engendram novos saberes e fazeres, como é possível constatar no trecho de diálogo transcrito no âmbito do grupo de WhatsApp “Ato Artístico”:

[18/04/2018 08:29:31] M. F.: Penso neste cronograma:

- leitura do estatuto do SATED-PE.
- entendimento do que estará sendo definido no STJ.
- TERMINAR COM UM GRANDE CORTEJO.

Definindo agora é de fundamental importância transmitir isso ao vivo para que a força na web tenha expansão para o interior do estado. Transmitir pelo Instagram, Facebook e Youtube. Isso com uma conexão 4G resolve fácil.

(...)

[18/04/2018 08:31:19] M. F.: Precisamos antes do acontecimento desta palestra ter um encontro para formar o conteúdo que será exposto. Tenho um telão. Podemos projetar vídeos e até mesmo conectar ao vivo em algum canal do Youtube que estará transmitindo de Brasília. Precisamos ganhar força no interior do estado. E conectar todos em um único canal de transmissão. Falo via web claro.

A utilização da tecnologia da informação na crescente atuação dos coletivos culturais pesquisados, revela também, uma efetiva participação juvenil nas mobilizações e difusão de conteúdos. O intenso surgimento de coletivos a partir do início da desta década coincide com a eclosão de uma geração de pessoas que atingiram a maioridade na era digital, e que, portanto, com maior acesso universal à informação e comunicação. Nesse território de multipertencimentos, tradicionais fronteiras identitárias parecem se fragmentar, pois definem novos contornos geracionais, na medida em que novas juventudes se configuram como usuários nativos em escala maior que os adultos, que ainda transitam entre os universos analógicos e digitais.

Para o antropólogo espanhol Carlos Feixa, “Não se trata somente de que seja o grupo com maior acesso aos computadores e à Internet, nem que a maior parte de seus integrantes vivam rodeados de bits, chats, e-mails e webs, mas sobretudo do impacto cultural dessas novas tecnologias (...)” (FEIXA, 2006). O autor cita o livro “Rise of the Net Generation” (TAPSCOTT, 1998), um dos profetas da revolução informática, quando afirmou em 1998 que as crianças protagonizariam uma revolução cultural, assim como os “babyboomers” do pós-

guerra o fizeram nos anos sessenta. Nesse contexto, do que Feixa chama de “geração @” como sendo um dos principais atributos definidores de novos processos gregários e identitários destaca-se, igualmente, o papel das juventudes na conformação coletiva, traduzidos em atitudes contestatórias. Ainda que tais sujeitos representem uma minoria com mais acesso à informação.

Mesmo não figurando como uma categoria analítica central no objeto da presente pesquisa, cabe apontar para a emergência desse campo de estudo de juventudes e suas interfaces sociológicas que agenciam coletividades e participação social, especialmente quando se discute as relações entre amizade e contestação. Pois, segundo a dialética proposta por Luís Antônio Groppo “As novas mobilizações de indivíduos e grupos juvenis, quase sempre não conscientemente em torno desta identidade juvenil, vêm alimentando os movimentos sociais e políticos em todo mundo, que fazem crítica à globalização. ” (GROPPO, 2004). Portanto, o autor defende uma concepção sociológica que revela a importância da juventude dentro da sociedade moderna como “elemento estrutural” que se projeta caso vivamos a pós-modernidade.

Sendo assim, a dimensão que relaciona amizade e contestação, experienciada por jovens em práticas associativas culturais diversas, demonstram refletir uma lenta e gradual transformação subjetiva nos processos de participação política. São, portanto, expressivas possibilidades de arregimentar forças em redes, que pensem alternativas aos modelos de vida na cidade, no exercício da diversidade e tolerância e na busca pela construção de um mundo melhor em espaços físicos ou simbólicos, voltados ao encontro; metáfora social de celebração, prazer e partilhamento do gosto pela arte e pela vida, que segue:

[11/05/2018 05:23:43] L. B: Deus abençoe nosso exercício de curtimos as preciosas oportunidades de estarmos juntos, focalizando o melhor de nós, iluminando-nos e energizando-nos uns aos outros, para o bem da nossa arte e da vida neste mundo.

[17/05/2018 09:59:16] P. P.: É assim mesmo (...) As pessoas ainda não entendem a importância dos movimentos... Não entendem pq ainda desconhecem o conceito e a função de cada movimento. A crítica é uma forma de amenizar culpas. A conquista é deixar claro a importância e o conceito de cada movimento. Prestem atenção que não é à toa que os movimentos estão aparecendo todos ao mesmo tempo. Não é um momento inventado do nada. É no Brasil todo... E cada pessoa vai chegar no momento delas. Paciência e perseverança.

[17/05/2018 12:10:07] S. F.: Na história do mundo sempre foi assim, existe os que têm consciência do papel da luta coletiva para assegurar direitos profissionais e de cidadãos e os que pensam exclusivamente em seus interesses pessoais. Sigamos juntos e conscientes do sentido de nossas lutas diárias

[23/05/2018 08:16:27] P. P.: Acho que não podemos e nem devemos mais confiar só nas eleições.... É necessário que Artistas se posicionem (...). A arte em si não é

suficiente. É hora de formar campo de batalha. Ainda há separação de forças entre nós mesmos da cultura.... Se o cinema, as artes cênicas, a literatura, as artes plásticas, a cultura popular, se todos formassem um exército só para trazer a sociedade para o nosso campo de batalha, então as eleições seriam apenas um detalhe que obrigatoriamente teria que respaldar a necessidade de um povo.

[23/05/2018 08:39:32] D. C.: Nem ia falar mais, mas a cultura da fuleiragem music, dessa aceitação à cultura que se volta para o sexismo, machismo, desqualificação da qualidade no que se coloca para um povo. (...). Prestem atenção. Quem é o empreendedor não declarado dessa cultura da fuleiragem? (...) Vcs sabem? Kkkkkkkkkk... Por acaso conhecem o dono enrustido de Pernambuco? Gente pelamor. (...). Eles estão retirando e anulando nossos valores culturais em troca de ingressos baratos pra uma população que compra ingresso com open bar pra curtir esse tipo de show. Essa mesma população que não tem acesso à nossa verdadeira cultura. A população que compra o que os publicitários vendem nessa mesma emissora. Eles não querem cultura acessível ao povo, mas sim, vender esse tipo de cultura. A cultura da fuleiragem music. Outro mercado que só avança e muito bem é o da música de gênero Gospel. Eca!

[23/05/2018 09:16:11] L. B.: Terrível. Essa condição mostra que nunca deixamos de ser uma colônia.... Um país tão grande, manipulado por tão poucos e com sonhos tão mesquinhos.

[30/05/2018 19:38:08] C. P.: Tenho consciência de que está cada vez mais difícil... mas há de haver um jeito novo de organizar uma cidade, um estado e país. Haveremos de achar uma nova maneira de seguir sem este capitalismo desenfreado que vai comprando tudo e todos.

Política, encontros, desencontros. Desencantos. O movimento sugerido pelas relações interpessoais dos participantes de coletivos culturais no Recife se faz em variadas direções. Como num filme, com diferentes tramas que se entrecruzam. São transações em diversos níveis da produção cultural, como também nas relações com o poder público. Dessa forma, os principais movimentos identificados são entre o trânsito de participantes em coletivos diferentes, ou nas microrredes que se formam em torno de linguagens, atitudes e pautas reivindicatórias. São, portanto, movimentos que revelam intensos bastidores microsociais, com afinidades e empatias, mas também é possível perceber disputas, conquistas e traições, pois assim como no complexo meio social, são idiossincrasias que se contaminam pelo motor das relações afetivas de amizade e contestação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Final da Jornada? ou o início de outras.... Talvez. Por ora, ratificamos o interesse inicial de tentar responder como os coletivos culturais atuam e redefinem espaços afetivos. O que expressam suas narrativas estéticas, que anunciam novas visões de mundo e modos de vida. Como contribuem para processos educativos não institucionalizados. São, ainda, limites imprecisos, mas reveladores para, a sempre necessária, convivência entre Cultura e Educação. Desse modo, ao final desta pesquisa, é possível entender a relevância dos Coletivos Culturais no Recife, como potentes campos de atuação de uma educação igualmente transformadora. Pois como nos lembra Paulo Freire “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987). Portanto, trata-se de educar na organização, na ação, na relação, e sempre questionando modelos socioculturalmente construídos e consolidados ao longo dos tempos.

Nesse sentido, cabe considerar o papel social da Cultura como estruturador, numa perspectiva da educação pela arte. Pois compreendem ativos simbólicos que ativam narrativas estéticas com vistas a um desenvolvimento humano mais integral. “Como uma linguagem presentacional dos sentidos”, segundo afirma a pesquisadora Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 1997), umas das principais referências em estudos sobre arte-educação na contemporaneidade. A autora é fortemente influenciada pelas ideias do filósofo John Dewey, que desenvolve os princípios de uma educação democrática, integrando os conceitos de conhecimento, sociedade e indivíduo.

São, portanto, contribuições que lançam novos olhares para vários dilemas de uma condição pós-moderna. Ao defender o poder de conscientização através da arte, Barbosa afirma que se “abrem caminhos para a conscientização social, para a descoberta dos direitos, das obrigações de cada um”. Por essa razão, “o ensino de arte de melhor qualidade não está nas escolas, mas nas organizações da sociedade civil que trabalham com crianças e adolescentes.” (BARBOSA, 1997). As afirmações contribuem para o entendimento das múltiplas possibilidades de consecução nos processos educativos mais críticos, por conseguinte, mais humanizados. E bem mais próximos dos dramas da sociedade atual.

Foram muitos os registros soltos, de alguns quilômetros de perambulações etnosociológicas. Num universo de setenta coletivos, levantados a partir de fontes diversas. A maioria, pela rede mundial de computadores. Tal fato é revelador, por um lado, da emergência do papel das novas tecnologias de comunicação interpessoal, especialmente a partir desta

década, neste início de século. E, de outro modo, como tal fenômeno encontra na população mais jovem, expressivos usuários nativos digitais, como aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, PNAD Contínua 2016: a “Internet foi mais acessada por pessoas de 18 a 24 anos de idade”. (Brasil, 2016).

Mas apesar da realidade brasileira, é igualmente válido registrar que uma massa latino-americana de “diferentes, desiguais e desconectados”, como sendo o outro lado da moeda do mundo “globalizado”, lembrando, dessa forma, conceitos de hibridismos culturais em Canclini. Isso fica perceptível nos diversos trânsitos entre coletivos e participantes. As identidades são trans. Trocam entre si, em múltiplos sentidos. Os dados apontam predominância no exercício de multilinguagens, ou expressões com natureza mais coletiva de criação, como no caso das artes performáticas, como o teatro e a dança. Outrossim, revelam a emergência de uma nova cena mais periférica e engajada. É a galera do hip hop e da grafiteagem, cuja participação feminina se destaca em todos os níveis, seja nas lideranças dos movimentos, aos processos que se caracterizam pelo exercício de alteridades e de autonomização.

É no processo de participação coletiva que se criam novos espaços de contestação social em constantes deslocamentos. Só sendo possível cartografar uma difusão de afetos diversos, ao contrário da expectativa de uma topologia precisa, como um mapa fixo, a partir do fenômeno da amizade. Por outro lado, uma cartografia da amizade, com contornos imprecisos, nos fornece uma imagem complexa, vibrante, como camadas que se sobrepõem em constantes movimentos.

Os movimentos, por sua vez, nos permitiram (re) visitar conceitos de Culturas, Narrativas e Lugares como alguns vetores estruturantes, que interagem em novas formas de atuação e organização da cultura. Nessa perspectiva, a cultura como o campo do simbólico e fenômeno de constante transformação social, é o vetor que predomina no crescente surgimento de novos coletivos no Recife a partir de 2013.

No campo da expressão, a construção de um discurso de protesto se dá, em geral, a partir de uma estética compartilhada. As narrativas mais presentes falam de processos de exclusão social, de lutas por direito à moradia, ocupação de espaços, pertencimentos, entre tantos processos identitários que problematizam questões de gênero, etnia ou simplesmente a livre expressão artística como plataforma de “comunidades emocionais”, conceito cunhado por Maffesoli em “O Tempo das Tribos” (MAFFESOLI, 1987).

Para o autor a comunidade emocional é estável e aberta, sendo anônima à moral estabelecida. A desumanização real da vida urbana produz agrupamentos específicos com a

finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos. Nesse sentido, a experiência compartilhada funciona como um laço coletivo, a partir de uma “aura estética”, pois se procura a companhia “daqueles que pensam e sentem como nós”. Maffesoli diz ainda que “a experiência partilhada pode ser o fogo depurador do processo alquímico que permite a transmutação”. A ética seria o cimento.

Esse fluxo tende a resignificação de um campo afetivo, que se estabelece a partir da recriação de novos territórios, reais e/ou simbólicos. É, portanto, na dispersão dos coletivos culturais que se propõe uma geografia dos afetos no âmbito desta pesquisa. Dessa forma, foi possível propor um exercício cartográfico de formação do desejo no campo social, visando atribuir sentidos e pontes de linguagens. A partir dos conceitos de desterritorialização e reterritorialização, desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari, identificamos os agenciamentos presentes na construção de territórios coletivos, ainda que fortemente atuantes nas centralidades do Recife. Para os autores, o pensamento se faz no processo de desterritorialização, rompendo-se como o território existente e criando-se novos arranjos.

Nessa perspectiva, o fenômeno social da Amizade pode ser definido como arte do encontro, que reinventa a noção de espaço público, pois visa à política como atividade de criação e experimentação. Igualmente, é possível reforçar a ideia de uma ética transgressiva, que se consolida como enfrentamento às formas impostas de relacionamentos e subjetividades. Para Foucault (FOUCAULT, 1999), o conceito de amizade está fortemente alicerçado no conceito de “modo da vida” a partir do que o autor chama de “relações intensas”. Dessa forma a Amizade como modo de vida partilhado pode dar lugar a uma cultura e a uma ética de contestação, características tão presentes quanto significativas, a partir dos coletivos culturais analisados.

As escolhas metodológicas, de natureza imersivas, para a construção de uma “base de dados” se mostraram apropriadas, na medida em foram reveladas sutilezas e percepções que, de outro modo, mais ortodoxo, não seriam possíveis observar de forma clara. Tais abordagens permitem agora apontar para desdobramentos em futuras possibilidades de pesquisa, especialmente no tocante à processos imersivos de participação coletiva. A presente pesquisa exploratória aponta para novos horizontes de ações coletivizadas, que busquem aprofundar e entender mais os mecanismos de narrativas estéticas a partir de ações culturais mais interativas. Em espaços onde a divisão entre “palco e plateia” sejam mais tênues. Onde ativistas e sociedade sejam partícipes de catarses coletivas.

Enfim, a trilha percorrida em diferentes paisagens dos Coletivos Culturais no Recife neste início de século, permite, seguramente, afirmar e fruir percepções que podem se traduzir

como: Culturas como crítica; narrativas como contestação; lugares como afetos, entre outras tantas possibilidades de composições. Fica o sentimento de regozijo, gratidão e eterno aprendizado.

(...)

Não sei o porquê, mas ao concluir esta etapa do conhecimento, lembro-me de imediato da carta nº 0 do Tarô de Marselha<sup>23</sup>. O caminho trilhado, as perambulações e crônicas parecem acender imagens da “Jornada do Louco”. A primeira e última carta, parece ser, igualmente, a narrativa da nossa jornada coletiva durante a vida. Fim da jornada?

**Ilustração 6** - O Louco. Acrílica sobre tela, 0,60 x 1,0m. Recife, 2016.



Fonte: Célio Pontes, 2016.

<sup>23</sup> No Louco, tudo é leve e solto. Isto pode trazer inquietação e atividade, pode trazer mudanças àquilo que está estagnado. O cão tenta avisá-lo do precipício que tem à frente, mas parece que ele nem percebe, por estar distraído a olhar a borboleta, livre. Simboliza o desligamento da matéria, uma história a ser vivida, continuar vivendo a vida sabendo que algo surpreendente poderá acontecer e aceitar esse fato despreocupadamente. O acaso irá resolver tudo. Pode ser interpretado como despreocupação, curiosidade de experimentar coisas novas ou até mesmo um pouco de confusão. Também pode significar que o Louco partiu em busca de algo que procurava, como um desejo que de repente extravasa, uma busca que foi sufocada durante muito tempo. Geralmente o conselho é seguir a espontaneidade e estar aberto para tudo aquilo que a vida tem a lhe oferecer. Deve-se aceitar que você é um aprendiz da vida. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Louco\\_\(tar%C3%B4\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Louco_(tar%C3%B4))

## REFERÊNCIAS

**ALBERONI Francesco** A Amizade [Livro]. - Lisboa : Bertrand, 1990.

**ALMEIDA Maria Isabel Mendes de e EUGÊNIO Fernada** Culturas Jovens: novos mapas do afeto [Livro]. - Rio de Janeiro : Zahar, 2006.

**ARISTÓTELES** A Poética [Livro]. - São Paulo : Martin Claret, 2010.

**ARISTÓTELES** Ética a Nicômaco [Livro] / trad. Bornheim Leonel Vallandro e Gerd. - São Paulo : Nova Cultural, 1991. - 4ª : Vol. Os Pensadores; v. 2.

**BAIDOU Alain** Elogio ao Amor [Livro]. - São Paulo : Martins Fontes, 2013.

**BARBOSA Ana Mae (org)** Arte-educação: leituras no subsolo [Livro]. - São Paulo : Editora Cortez, 1997.

**BOURDIEU Pierre** A Distinção: crítica social do julgamento [Livro]. - São Paulo : Zouk, 1979.

**Brasil** Lei nº 6533, de 24 de maio de 1978 [Artigo] // Regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões. - Brasília, DF : [s.n.], mai de 1978.

**Brasil** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio PNAD Contínua [Artigo]. - Brasília : [s.n.], 2016.

**CANCLINI Néstor García** Diferentes, Desiguais e Desconectados [Livro]. - Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 20015.

**CASTELLS Manuel** A sociedade em rede: do conhecimento à ação política [Livro]. - Rio de Janeiro : Casa da Moeda, 2005.

**Chelotti Marcelo Cervo** Reterritorialização e Identidade Territorial [Artigo] // Sociedade e Natureza. - Uberlândia : [s.n.], 2010. - 22 : Vol. 1. - pp. 165-180.

**COELHO José Teixeira** A Cultura e Seu Contrário [Livro]. - São Paulo : Iluminuras : Itáu Cultural, 2008.

**DELEUZE Gilles e GUATTARI Félix** Mil platôs - capitalismo e esquizorenia [Livro]. - São Paulo : Editora 34, 1997.

**DIAS Lêda** Cineteatro do Parque: um espetáculo à parte [Livro]. - Recife : Função de Cultura Cidade do Recife, 2008.

**ECO Humberto** Como Se Faz Uma Tese [Livro]. - São Paulo : Perspectiva, 2007.

**EISNER Will** O Edifício. - [s.l.] : Abril, 1987.

**ELIA Luciano** O Conceito de Sujeito [Livro]. - Rio de Janeiro : Zahar, 2004.

**FEIXA Carles** O quarto dos adolescentes na era digital [Seção do Livro] // Sociabilidade juvenil e cultura urbana / A. do livro COSTA Maria Regina da e SILVA Elizabeth Murilho da. - São Paulo : Educ, 2006.

**FOUCALT Michel** Amizade e Estética da Existência [Entrevista]. - São Paulo : [s.n.], 1999. - pp. 170-171.

**FREIRE Paulo** Pedagogia do Oprimido [Livro]. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1987.

**GARCIA Othon Moacyr** Comunicação em Prosa Moderna [Livro]. - Rio de Janeiro : FGV, 2006.

**GOHN Maria da Glória** Movimentos sociais na contemporaneidade [Artigo] // Revista Brasileira de Educação. - 2011. - 47 : Vol. 16.

**GROPPO Luís Antonio** Dialética das juventudes modernas e contemporâneas [Periódico] // Revista de Educação do Cogeime. - Rio de Janeiro : Cogeime, 12 de 2004. - 25. - pp. 9-22.

**GUATTARI Félix e ROLNIK Suely** Micropolítica: cartografias do desejo [Livro]. - Petrópolis : Vozes, 1986.

**HARVEY David, TELES Edson e SADER Emir** Occupy - Movimentos de Protesto Que Tomaram As Ruas [Livro]. - São Paulo : Boitempo Editorial, 2012.

**Instituto Antônio Houaiss** Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa [Livro]. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2001.

**Itaú Cultural** Ateliê Coletivo [Online] // Enciclopédia Itaú Cultural. - Itaú Cultural, 03 de 02 de 2017. - 2017. - <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo525465/atelie-coletivo>.

**Itaú Cultural** Teatro de Grupo [Online] // Enciclopédia Itaú Cultural. - Itaú, 2018. - 20 de 07 de 2018. - <http://enciclopedia.itaucultural.org.br>.

**LOPES João Teixeira** Os Públicos do Teatro e a Inicência dos Criadores [Artigo] // Observatório das Actividades Culturais OBS. - Outubro de 1997. - pp. 15-19.

**MAFFESOLI Michel** O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa [Livro]. - Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1987.

**MAFFESOLI Michel** Saturação [Livro]. - São Paulo : Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

**Mamu** [Online] // Mapa dos Coletivos de Mulheres. - Mapa dos Coletivos de Mulheres, 2014. - 2018. - <http://coletivos.mamu.net.br/?p=1734>.

**MINAYO Maria Cecília de Souza** Análise Qualitativa: teoria, passos e fidedignidade [Artigo]. - 2012.

**MOREIRA Eduardo** Grupo, Facção, Companhia: os desafios de uma arte coletiva [Artigo] // Trema! Revista de Teatro de Grupo. - Recife : Facção, 2015. - 1.

**ORTEGA Francisco** Amizade e Estética da Existência em Foucault. - São Paulo : [s.n.], 1999. - pp. 170-171.

**ORTEGA Francisco** Amizade e estética da existência em Foucault [Livro]. - São Paulo : Graal, 1999.

**ORTEGA Francisco** Genealogias da Amizade [Livro]. - São Paulo : Iluminuras, 2002.

**PAIM Cláudia** Espaços de Arte, Espaços da Arte: perguntas e respostas de iniciativas de coletivos de artistas em Porto Alegre, anos 90. - Porto Alegre : UFRGS, 2004.

**PAIS José Machado** Deambulações Cotidianas: a emergência de um método de observação dos sem-teto [Artigo] // Estudos de Sociologia. - Recife : [s.n.], 2015. - 21. - Vol. 1. - p. 38.

**PEREIRA Carlos Alberto M,** O que é Contracultura [Livro]. - São Paulo : Brasiliense, 1986.

**RECALDES Luana** [Online] // Cultura e Mercado. - Cemec, 05 de 04 de 2018. - 2018. - <http://www.culturaemercado.com.br/site/noticias/mobilizacao-de-artistas-musicos-e-tecnicos-contra-adpf-293-agita-o-pais/>.

**Resta 1 Coletivo de Teatro** [Online] // You Tube. - Zás Filmes, 22 de 09 de 2016. - 2017. - <https://www.youtube.com/watch?v=FliaJfgK2Uk>.

**ROCHA Maria Eduarda da Mota** O Estelita é mais do que o Estelita [Internet]. - [s.l.] : El país, 2015.

**ROLNIK Suely** Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo [Livro]. - Porto Alegre : UFRGS, 2014.

**SILVA Bárbara Garcia Ribeiro Soares da** Estudo Sociológico da Amizade Duradoura e de sua Função Social na Sociedade Contemporânea [Artigo] // Vozes dos Vales. - Vele do Jequitinhonha : UFVJM, 2014. - 6.

**SILVA Maria Regina Ponte da** O conceito de amizade em Aristóteles [Online] // Consciência. org. - 21 de abr de 2008. - 2018. - [http://www.consciencia.org/o-conceito-de-amizade-em-aristoteles#\\_ftn2](http://www.consciencia.org/o-conceito-de-amizade-em-aristoteles#_ftn2).

**SOMEKH Bridget e LEWIN Cathy** Teorias e Métodos de Pesquisa Social [Livro]. - Petrópolis : Vozes, 2015.

**TAPSCOTT Don** Growing up digital: The Rise of the net generation [Livro]. - Nova : McGraw Hill, 1998.

**TARROW Sidney** Power in movement [Livro]. - Cambridge : Cambridge Press, 1994.

**TAYLOR Edward Burnett** Primitive Culture [Livro]. - Londres : [s.n.], 1920.

## ANEXOS

### Pesquisa Iconográfica

Foto 8 - Ocupe Estelita.



Fonte: Facebook.

Foto 9 - Coletivo 33 Crew.



Fonte: Facebook.

**Foto 10 - Casa da Rua.**



Fonte: Facebook.

**Foto 11 - Coletivo de Jovens Educadores**



Fonte: Facebook.

**Foto 12** - Flores Crew.



Fonte: Facebook.

**Foto 13** - Coletivo Lugar Comum.



Fonte: Facebook.

**Foto 14** - Coletivo Resta 1 de Teatro.



Fonte: Facebook.

**Foto 15** - Coletivo Sexto Andar.



Fonte: Facebook.

**Foto 16** - Coletivo Deixa Ela em Paz.



Fonte: Facebook.

**Foto 17** - Mariposa Cartonera.



Fonte: Facebook.

Foto 18 - Galeria Mau Mau.



Fonte: Facebook.

Foto 19 - Poder Feminino Crew.

NOSSA **Agenda 2017** ESTÁ ABERTA!

**PFC**  
**PODER FEMININO**  
**CREW**

RAP – GRAFFITI  
STREETDANCE – OFICINAS  
RODAS DE DIÁLOGO

 /poderfemininocrew    
  /poder-feminino-crew    
  poderfemininocrew.ki6.com.br  
 @PFCrew\_    
  (81) 9 8770 4581  
 (81) 9 9879 4411    
  poderfemininocrew@hotmail.com

Fonte: Facebook.

Foto 20 - Teatro em Casa.



Fonte: Facebook.

Foto 21 - Praias do Capibaribe.



Fonte: Facebook.

Foto 22 - Revo Cultura



. Fonte: Facebook.

Foto 23 - Movimento Coque (R)existe.



Fonte: Facebook.

**Quadro 1 - Levantamento Coletivos Culturais no Recife**

Nº	ANO	COLETIVO	ATUAÇÃO	LINGUAGEM	BAIRRO	CIDADE	FONE	CONTATO	SEGUIDORES
1	1995	<b>Coletivo da Cultura</b>	Diverso	Comunicação	Aflitos	Recife	(81) 99998 5273	coletivodacultura@gmail.com	3.015
2	2000	<b>Coletivo Angu de Teatro</b>	Cultural	Teatro		Recife		tadeugondim.angu@gmail.com	7.561
3	2002	<b>33 Crew</b>	Cultural	Grafiti	Boa Vista	Recife		m.me/33crew.recife	5.220
4	2004	<b>Arte Expressa Olindense</b>	Cultural	Grafiti		Olinda			
5	2004	<b>O poste Soluções Luminosas</b>	Cultural	Teatro	Boa Vista	Recife		m.me/teatrooposte	808
6	2006	<b>Coletivo Branco do Olho</b>	Cultural	Artes Visuais	Santo Amaro	Recife			
7	2007	<b>Coletivo Lugar Comum</b>	Cultural	Dança	Santo Amaro	Recife	(81) 99433.0114	lugarcomumcoletivo@gmail.com	3.074
8	2008	<b>Coletivo Força Tururu</b>	Diverso	Comunicação	Janga	Paulista		m.me/ColetivoForcaTururu	4.813
9	2008	<b>Lumo Coletivo</b>	Diverso	Diversa	Setúbal	Recife			
10	2009	<b>Galeria Mau Mau</b>	Cultural	Artes Visuais	Espinheiro	Recife	81 3221-7900	m.me/315177521859114	3.595
11	2009	<b>Escambo Cultural</b>	Diverso	Variada	Paratibe	Paulista		escambocoletivo@hotmail.com	3.264
12	2010	<b>Coletivo de Jovens Educadores</b>	Social	Variada	Alto José do Pinho	Recife	(81) 8452-8179	cjeducadores@gmail.com	495
13	2010	<b>Revo Cultura</b>	Cultural	Variada	Dois Irmãos	Recife		revocultura@riseup.net	3.425
14	2011	<b>Coletivo Praias do Capibaribe</b>	Social	Variada		Recife	(81) 99-845-5901	praiascapibaribe@gmail.com	4.805
15	2012	<b>Caramiolas Lab</b>	Cultural	Diversos	Santo Antonio	Recife	(81) 3125-5034	caramiolaslab@gmail.com	2.591
16	2012	<b>Direitos Urbanos</b>	Social	Variada		Recife		m.me/DireitosUrbanos	23.919
17	2013	<b>Coletivo Sexto Andar</b>	Cultural	Variada	Santo Antonio	Recife	(81) 3032-2876	m.me/ColetivoSextoAndar	5.771
18	2013	<b>Orbe</b>	Cultural	Variada	Santo Antonio	Recife		contato@orbeworking.com.br	6.367
19	2013	<b>Flores Crew</b>	Cultural	Hip Hop	Tejipió	Recife	(81) 99808 4528	florescrewrecife@gmail.com	1.573
20	2013	<b>Coletivo Soma</b>	Cultural	Dança		Recife		contato@coletivosoma.com.br	3.325
21	2013	<b>Quilombo Cultural Casa Coletivo</b>	Social	Variada	Amaro Branco	Olinda	(81) 9719-0556	m.me/CasaColetivo4C	1.540
22	2013	<b>Coque (Re)existe</b>	Social	Variada	Coque	Recife		m.me/CoqueRExiste	2.820
23	2013	<b>Mariposa Cartonera</b>	Cultural	Literatura	Santo Amaro	Recife	(81) 99589-7777	m.me/mariposacartonera	2.834
24	2013	<b>Sete Fotografia Coletivo</b>	Cultural	Fotografia		Recife		setefotografia@gmail.com	523
25	2013	<b>Coletivo Sinergia de Teatro</b>	Cultural	Teatro	Dois Unidos	Recife		coletivosinergiadeteatro@hotmail.com	499
26	2013	<b>Coletivo Rec beats</b>	Cultural	Dança	Ipsep	Recife	(81) 99799-3089	recbeatsofficial@gmail.com	1.241
27	2013	<b>Coletivo Eu Passarinho</b>	Cultural	Artes Visuais	Santo Antônio	Recife		coletivoepassarinho@hotmail.com	558

28	2013	<b>Coletivo Setúbal</b>	Social	Variada	Setúbal	Recife			9.236
29	2013	<b>Coletivo Antiproibicionista PE</b>	Social	Variada		Recife			3.766
30	2014	<b>Um Coletivo</b>	Cultural	Dança		Recife		m.me/coletivoumcoletivo	1.071
31	2014	<b>Poder Feminino Crew</b>	Cultural	Hip Hop		Recife	(81) 98770-4581	poderfemininocrew@hotmail.com	6.570
32	2014	<b>Espaço de Três Copas</b>	Cultural	Teatro	Boa Vista	Recife	(81) 9776-9090	m.me/3copas	600
33	2014	<b>Coletivo Pomba Gira 24</b>	Social	Variada		Recife	(81) 9857-4837	m.me/pombagira24	1.171
34	2014	<b>Elefante Coletivo Criativo</b>	Cultural	Variada	Recife Antigo	Recife	(81) 3037-0959	contato@elefante.cc	719
35	2014	<b>Coletivo Autopeiesis</b>	Cultural	Dança	Recife Antigo	Recife		coletivoautopeiesis@gmail.com	1.124
36	2014	<b>Coletivo 4 no Ato</b>	Cultural	Teatro		Recife		4noato@gmail.com	1.647
37	2014	<b>Coletivo Vozes Marias</b>	Social	Variada		Recife		vozesmarias@gmail.com	947
38	2015	<b>Deixa Ela em Paz</b>	Social	Variada		Recife		deixaelaempaz@gmail.com	28.885
39	2015	<b>Casa da Rua</b>	Cultural	Artes Visuais	Casa Forte	Recife	(81) 3269-0822	m.me/casadaruarecife	2.365
40	2015	<b>Coletivo Afronte</b>	Social	Variada	Cidade Universitária	Recife		coletivoafronte@gmail.com	2.880
41	2015	<b>Multus Coletivo</b>	Cultural	Teatro		Recife		m.me/multuscoletivo	402
42	2015	<b>Grão Coletivo</b>	Diverso	Comunicação		Recife		graocoletivo.pe@gmail.com	559
43	2015	<b>Terral Coletivo</b>	Diverso	Comunicação		Recife		terralcomunicacao@gmail.com	1.146
44	2015	<b>Coletivo Bronx</b>	Cultural	Hip Hop		Recife		coletivobronx@gmail.com	1.513
45	2015	<b>Coletivo Vira Bicho</b>	Diverso	Comunicação		Olinda			128
46	2015	<b>Coletivo Latente</b>	Cultural	Fotografia	Santo Amaro	Recife		coletivolatente@gmail.com	1.179
47	2015	<b>Coletivo Ocupa Cândido</b>	Social	Variada	Apipucos	Recife			1.765
48	2016	<b>Casa Marte</b>	Cultural	Variada	Encruzilhada	Recife	(81) 99189-2829	m.me/casamartecoletivo	943
49	2016	<b>Coletivo 7</b>	Cultural	Artes Visuais	Águas Compridas	Olinda	(81) 98729-2952	m.me/1328572510538674	47
50	2016	<b>Coletivo Resta 1</b>	Cultural	Teatro	Boa Vista	Recife		resta1coletivodeteatro@gmail.com	1.118
51	2016	<b>Coletivo Risoflora</b>	Social	Variada		Recife		m.me/coletivo.risflora	998
52	2016	<b>Coletivo Urbes</b>	Social	Variada		Recife			533
53	2016	<b>Coletivo Rec Underground</b>	Cultural	Hip Hop		Recife		coletivobronx@gmail.com	260
54	2016	<b>Coletivo Mães Feministas</b>	Social	Variada		Recife		cmfpe.ranusia@gmail.com	827
55	2016	<b>Coletivo Carne</b>	Cultural	Teatro		Recife		m.me/Carnecoletivodeartenegra	1.038
56	2016	<b>Forró Coletivo</b>	Cultural	Musica		s/l	(81) 99638 7734	m.me/forrocoletivooficial	4.936
57	2017	<b>Coletivo Cultural de Camaragibe</b>	Cultural	Variada		Camaragibe		m.me/coletivoculturacamaragibe	75

58	2017	<b>Alvorço Coletivo de Teatro</b>	Cultural	Teatro		Recife	(81) 99732-4340	m.me/alvorococoletivo	186
59	2017	<b>Coletivo Caverna</b>	Diverso	Variada		Olinda	(81) 3439-3171	luinarproducoes@gmail.com	254
60	2017	<b>Zanzar Coletivo</b>	Cultural	Literatura	Santo Amaro	Recife	(81) 98604-4453	zanzarcoletivo@gmail.com	341
61	2017	<b>E aí Coletivo Artístico</b>	Cultural	Dança		Recife			256
62	2017	<b>Coletivo Despudorado</b>	Cultural	Teatro		Recife		m.me/coletivodespudorado	221
63	2017	<b>Coletivo Massapê</b>	Social	Variada	Derby	Recife		m.me/coletivomassape	668
64	2017	<b>Virada Cultural Teatro do Parque</b>	Cultural	Teatro		Recife		m.me/1841127959250147	2.302
65	2018	<b>Batendo Texto na Coxia</b>	Cultural	Teatro	Parque Amorim	Recife			
66	2018	<b>Ato Artístico</b>	Cultural	Teatro		Recife			
67	s/d	<b>Coletivo Nó Teatro</b>	Cultural	Teatro		Recife			
68	s/d	<b>Coletivo Teia</b>	Cultural	Dança		Recife		coletivoteiaa@gmail.com	
69	s/d	<b>Coletivo Loucura Roubada</b>	Cultural	Teatro	Várzea	Recife			
70	s/d	<b>Coletivo Ditirambos</b>	Cultural	Teatro		Recife			206
<b>TOTAL</b>									<b>176.518</b>

Fonte: Célio Pontes, 2018.